

UFRJMAR

A história contada por vários olhares





UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



centro de tecnologia

UFRJ



Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social

Apresentam

UFRJMAR

A história contada por vários olhares





Em memória ao nosso querido professor e idealizador do projeto UFRJMar, professor Fernando Amorim.



Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Tecnologia da UFRJ

Centro de Tecnologia da UFRJ

Decano do CT

Walter Issamu Suemitsu

Diretora da Escola Politécnica

Cláudia do Rosário Vaz Morgado

Diretora da Escola de Química

Andréa Medeiros Salgado

Diretora da Coppe

Suzana Kahn Ribeiro

Diretora do Instituto de Macromoléculas Eloisa Mano

Maria Inês Tavares

Diretor do Núcleo Interdisciplinar para o
Desenvolvimento Social

Felipe Addor



Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reitor

Roberto de Andrade Medronho

Vice-Reitora

Cassia Curan Turci

Pró-Reitoria de Graduação (PR1)

Maria Fernanda Santos Quintela da Costa Nunes

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PR2)

João Ramos Torres de Mello Neto

Pró-Reitoria de Planejamento, Desenvolvimento e
Finanças (PR3)

Helios Malebranche

Pró-Reitoria de Pessoal (PR4)

Neuza Luzia Pinto

Pró-Reitoria de Extensão (PR5)

Ivana Bentes Oliveira

Pró-Reitoria de Gestão e Governança (PR6)

Cláudia Ferreira da Cruz

Pró-Reitoria de Políticas Estudantis (PR7)

Eduardo Mach Queiroz



Equipe

Coordenação geral do projeto

Regina Célia Freitas Magalhães

Rosana Barreto S. Torres

Sandro Nascimento

Eliane Correia da Silva Soares

Projeto gráfico

Setor de Comunicação da Decania do CT

Marcia Malheiros Ehmann

Lívia Yohana Barcellos Macedo

Textos

Rebecca Henze Bastos Lima (Escola de Comunicação)

Revisão

Isabela de Sousa Alencar

Matheus Lage Nogueira da Silva

Estagiários da Escola de Belas Artes (EBA)

Estella Oliveira

Fabiana Vicentini

Júlia Pinheiro Dariano

Karla Moreno

Extencionista

Juan Kayki Pinto Fortunato



Prefácio

O livro “UFRJMar – A História Contada sob vários Olhares” tem como objetivo agrupar relatos de experiências de um dos maiores projetos de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro: o Projeto UFRJMar.

Vocês poderão comprovar, nas experiências que se seguem, a melhor maneira de colocar em prática diferentes saberes, favorecendo a experimentação e vivência do conhecimento.

A ideia inicial foi levar/trocar experiências com as regiões costeiras do Estado do Rio de Janeiro, buscando a interiorização dos “saberes náuticos”. Com o sucesso do Projeto UFRJMar, outros saberes, das diversas Unidades da UFRJ se envolveram. E, a partir daí, essa integração inter Unidades proporcionou experiências práticas aos discentes dos campi universitários.

Após 2012, com a morte do idealizador da UFRJMar, o Engenheiro Naval e Professor Fernando Amorim, o Decano do Centro de Tecnologia, prof. Walter Issamu Suemitsu nos convidou a coordenar o referido Projeto, vinculando-o ao Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (NIDES/UFRJ).

Desde então, temos o cuidado de anualmente realizar e difundir o Projeto UFRJMar para outras localidades, como a Comunidade da Maré, Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI), CIEP Brasil/Turquia, Maricá e Paraty.



O maior objetivo é que, a partir daquele contato inicial com as regiões, novos projetos e parcerias se firmem, favorecendo o engajamento e descobertas de novos saberes, a inovação e o comprometimento nas diversas áreas da pesquisa científica.

Com o passar desses anos, captamos diversos materiais e experiências para a criação do Centro de Memória UFRJMar. Por meio de entrevistas, registramos a “história oral” de inúmeros olhares, todos com um propósito comum: fortalecer a formação dos alunos da UFRJ e promover a troca de experiências com os saberes empíricos das regiões.

Viva a Educação Pública – Viva o Ensino, a Pesquisa e a Extensão.

**Regina Célia Freitas Magalhães e
Rosana Barreto S. Torres
Organizadoras Gerais da UFRJMar**



Índice

Introdução

UFRJMar: uma história de muitos afetos 22
Eleonora Ziller

A experiência do UFRJMar como inspiração para a 29
construção da Universidade do Século XXI
Felipe Addor

Olhar Institucional

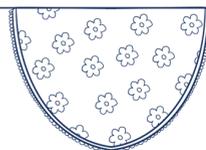
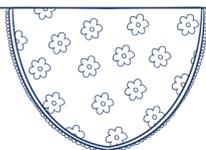
Breve Histórico do Festival UFRJMar 43
Walter I. Suemitsu

Uma escola, um sonho, uma realidade, a ousadia e os 47
projetos de Fernando Amorim
Hélio de Mattos Alves

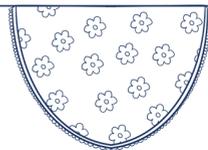
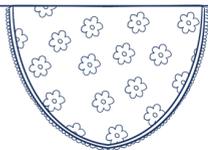
UFRJMar: breve histórico do maior projeto de extensão 56
da UFRJ
Regina Célia Freitas Magalhães e Rosana B. S. Torres

UFRJMar: Projeto transforma o entendimento de 61
universidade pública
Armando Alves de Oliveira

Festival UFRJMar: interação direta da universidade 65
com a sociedade
José Luiz Marques Pintor



UFRJMar: vivências e aprendizados na prática Waldyr Mendes Ramos	69
UFRJMar: a contribuição do projeto para minha formação Rodrigo Magalhães	73
Ciência e tecnologia de alimentos no UFRJMar Ana Lúcia Vendramini	77
Festival UFRJMar: a UFRJ fora dos campi Marcella Freire Ventin	82
Entre Saberes e Marés: Minha trajetória no UFRJMar e a construção da Identidade Docente Juan Kayki Pinto Fortunato	87
Olhar Territorial	
O projeto UFRJMar despertou a juventude local para a importância da educação Juliano Carrupt do Nascimento	98
UFRJMar: ciência, tecnologia e cultura para Paraty Gabriela Gibrail	102
UFRJMar: conhecimento para transformar a vida dos alunos de Paraty José Sérgio Barros	104



Territórios

Conhecimento alinhado às práticas tradicionais das comunidades Almir Tã	110
--	-----

Oficinas

Conhecendo os besouros Diego de Santana Souza, Thaynara L. Pacheco, Juan Pablo Botero e Marcela L. Monné	116
--	-----

Guardiões da Orla Maria Alves Napolitani e Vinícius Peruzzi	125
--	-----

O Corpo e o Mar Ana Lúcia de Almeida Coelho	133
--	-----

Esportes de areia Ricardo José Ramos	141
---	-----

Como os fluidos se comportam? Robert Jäckel e Juliana Braga Rodrigues Loureiro	152
---	-----

A saúde começa pela boca Beatriz Rampazio	160
--	-----

Oficina de Animação do GEM Paulo Maia	165
--	-----

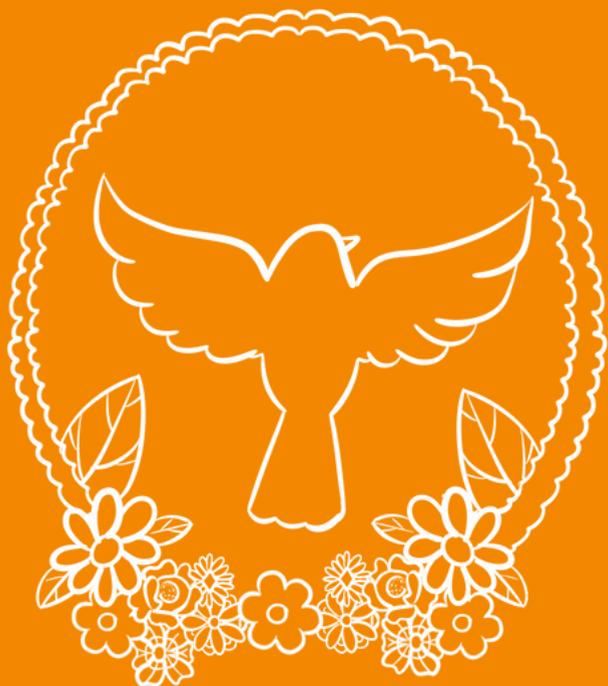
Registros

Registros fotográficos	172
------------------------	-----

UFRJMAR

A história contada por vários olhares



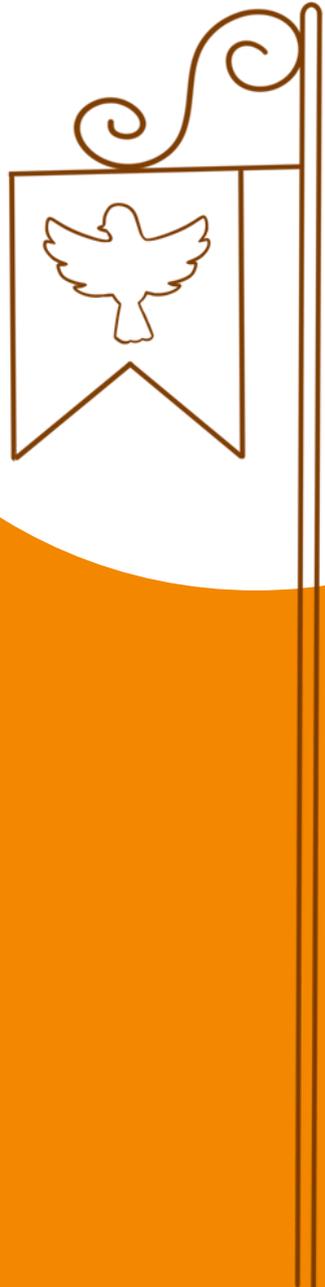


Introdução



**“Educar é crescer. E crescer
é viver. Educação é, assim,
vida no sentido mais
autêntico da palavra.”**

Anísio Teixeira



UFRJMar: uma história de muitos afetos

Elionora Ziller
Faculdade de Letras da UFRJ

Introdução

Rever a história do projeto UFRJMar, da forma como cresceu e se expandiu, aonde chegou e como espalhou tantas sementes, é reencontrar sonhos e propostas, modos de ser e inúmeras possibilidades de atuação que até então eram impensáveis para a universidade. Nesse pequeno texto pretendo fazer um relato essencialmente subjetivo, não recorrerei a números, quantitativos exatos, índices qualitativos ou outras sistematizações. Quem me guia é a temerária memória, que preenche lacunas, apaga teimosias, corrige os fatos. Mas que deixa como substância um pouco da experiência que vai impressa neste livro que conta também com tantos outros registros. Ofereço assim o ponto de vista de quem acompanhou tudo muito atenta e participante, embora meus vínculos obedecessem muito mais à ordem do afeto do que do interesse acadêmico propriamente dito.

Feito esse primeiro alerta, inicio meu relato. A origem de tudo está nos escritos de Paulo Freire, de quem o Fernando Amorim, coordenador do

do Programa e meu companheiro por 25 anos, foi leitor atento, além de grande admirador de Darcy Ribeiro em sua jornada em defesa da educação. Formado em engenharia, gostava de ser, antes de tudo, professor. A experiência iniciada na gestão do professor Horácio Macedo como reitor da UFRJ entre os anos de 1985 e 1989 quando a Extensão passou a ser organizada institucionalmente, foi fundamental para que ele passasse a pensar na formação de jovens para o mundo do trabalho e pudesse enfim colocar em prática uma de suas maiores vocações.

O princípio norteador da Extensão era a constituição de uma via de mão dupla entre a universidade e a sociedade que a sustentava, principalmente entre a universidade e os trabalhadores que de modo geral estavam expropriados de seu direito de nela ingressar. Em resumo, pensar a extensão universitária como uma porta aberta às demandas sociais, uma porta para desafios não previstos nem previamente planejados, mas que fossem formulados por quem em geral seria considerado apenas um “objeto de estudo”.

A criação do Campus Vicinal da Maré, cuja resolução do Conselho Universitário que lhe deu origem completará 40 anos em abril de 2026, buscava essa lógica e dela nasceu o projeto de Qualificação Profissional para jovens de 14 a 18 anos. Uma demanda da comunidade da Maré, uma resposta a um dos problemas enfrentados na implantação dos CIEPs alguns anos antes: a escola em horário integral não funcionava bem a partir da 5ª Série (hoje 6º ano), quando os alunos e alunas precisavam ir em busca de alguma forma de trabalho para auxiliar a manutenção da casa. Estamos falan-

do de um período em que não existia nada parecido com a Bolsa Escola, que veio depois, no esteio dessa discussão inclusive. Em 1986, o curso criado pela UFRJ, no âmbito da extensão universitária, buscava respostas até então inéditas para esse desafio: com duração de dois anos, o curso ofereceria aos estudantes uma bolsa de estudos que permitiria a sua permanência por todo o período. Essa história toda daria um livro a parte, não vamos detalhar nada aqui, apenas anotar que esse projeto deixou de existir quando o Horácio deixou de ser reitor. Nesse período, o Fernando Amorim ocupava o cargo de Pró-Reitor de Planejamento e Finanças e foi um grande impulsionador da Extensão na UFRJ.

Durante a década de 1990 com a sequência de outros Fernandos na presidência da República, Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso, a universidade amargou um grande refluxo de suas atividades de extensão, que só viriam a ganhar um impulso institucional forte no século seguinte. Com a eleição do professor Carlos Lessa para a reitoria da UFRJ, o compromisso social da universidade volta à pauta das principais ações da reitoria, pois para o professor Lessa era responsabilidade da Universidade Brasileira pensar o país. Logo depois de sua posse, me lembro como se fosse hoje, o Fernando marcou uma reunião com ele para falar sobre seus projetos, queria buscar apoio para o Polo Náutico que criara no departamento de Engenharia Naval. Ia com muita esperança de conseguir alguma coisa e conseguiu: mais trabalho. Lessa queria colocar a UFRJ na vanguarda das discussões sobre os problemas da cidade, do estado e do país. A universidade

brasileira tinha o dever e a obrigação de propor soluções, investigar possibilidades, apresentar projetos e intervir na definição de políticas públicas.

Assim, o Fernando volta para casa não exatamente com recursos ou apoio para o Polo Náutico, mas com uma tarefa bem mais ampla: reunir os pesquisadores da UFRJ que tenham em comum algum tipo de pesquisa sobre as baías do estado do Rio. Esse encontro ocorre na Ilha Grande, foram algumas dezenas de pessoas e dali recomeçam uma experiência que havia sido iniciada ainda na década de 1980: os pesquisadores do mar, o UFRJMar. Reuniram-se docentes da Oceanografia, Ecologia, Engenharia Naval, Biologia, Geografia e, aos poucos, o grupo se amplia e consolida. Não participei desses primeiros encontros, não era a minha praia, mas acompanhava alguns almoços, conversas, avaliações. Havia uma questão ali: os pesquisadores se articulavam, trocavam experiências, propunham novos projetos, mas os seus respectivos estudantes se mantinham dentro dos limites disciplinares dos seus cursos de origem. Como criar uma experiência realmente interdisciplinar, multidisciplinar, transdisciplinar, que abarcasse não apenas a pesquisa, mas de fato trouxesse para os estudantes da graduação e da pós graduação uma experiência radicalmente nova? Como derrubar os muros das fronteiras disciplinares? Como construir práticas transformadoras?

Nascia ali a proposta do Festival UFRJmar. E para além das áreas que já se articulavam em torno da pesquisa acadêmica, outras foram chegando, ampliando de forma significativa o escopo de atuação do Festival. Os esportes

na areia e no mar e as artes plásticas, a música, e a poesia, onde o mar era tema e a referência mais importante, foram agregados à programação do evento. A partir daí comecei a integrar de modo mais próximo a programação do Festival. Na primeira edição eu me limitei a uma oficina de leitura de poesia intitulada “Os poetas e o mar”. Mas depois da segunda edição foi impossível permanecer sozinha. A notícia já havia se espalhado entre os estudantes da Letras, haviam me visto com uma camiseta do evento, fui literalmente constrangida a planejar novas oficinas e a incorporá-los nessas propostas.

Em torno do Festival e dos grupos de pesquisa que cresciam, surgiram também muitas experiências que até hoje estão resistindo por aí. Duas em especial influíram de forma profunda e duradoura na vida de centenas e centenas de pessoas, talvez até de alguns milhares entre 2006¹ e 2016², mas não sobreviveram. A Escola de Pescadores de Macaé e o Instituto Politécnico de Cabo Frio, que nasceram do mesmo impulso do antigo programa de Qualificação Profissional da Maré: uma forte demanda da comunidade por escolas de qualidade e formadoras para o mundo do trabalho de jovens entre 14 e 18 anos. No bojo de intensas transformações, principalmente mobilizadas pela política de expansão e interiorização das universidades públicas atra-

¹ Para maiores informações sobre a Escola de Pescadores de Macaé: <https://macae.rj.gov.br/noticias/leitura/noticia/escola-de-pescadores-educacao-de-qualidade-para-quase-500-alunos>,

² Em 2016 o Instituto Politécnico de cabo Frio foi fechado pelo então reitor da UFRJ, professor Roberto Leher. Para maiores informações: <https://ufrjmar.ct.ufrj.br/cabo-frio/>.

vés do decreto de 2007 que instituiu o REUNI, novos projetos surgiam a cada dia, municípios solicitaram a participação da UFRJ em seu território, propostas vinham de todo o lado e assim chegamos em Paraty onde, por conta da FLIP e tantos projetos que lá existiam, encontramos apoio e sustentação para plantarmos ali mais um posto avançado do UFRJmar.

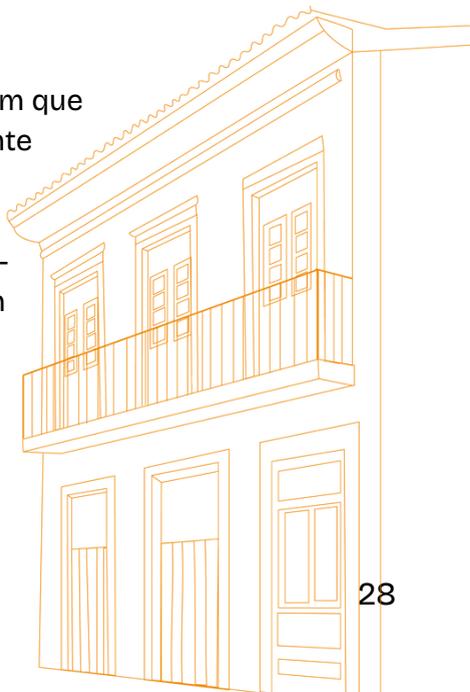
Até esse momento, minha participação nesse programa era de acompanhamento dos estudantes da Letras e alguma atividade de apoio às coordenações dos projetos. Em 2008, quando o autor homenageado da 6ª FLIP foi Machado de Assis, eu acabei por ceder aos encantos da cidade e de seus moradores. Com a forte parceria com a equipe responsável pela Flipinha (voltada para o público infantil especialmente das escolas públicas da região), com os diversos movimentos sociais, além de muitos projetos de extensão da própria UFRJ que já estavam em andamento na região, foi possível construir novas formas de organização. Uma das experiências mais interessantes foi a criação de uma coordenação da extensão na cidade, que tinha como proposta otimizar os recursos disponíveis para os projetos, intensificando as ações multidisciplinares e com isso gerando parcerias antes impensadas para uma universidade cujo cotidiano ainda é estruturado a partir dos departamentos, centros e áreas de conhecimento que pouco se comunicam. Esse seria mais um grande capítulo da trajetória do UFRJmar, cujo festival foi batizado em suas primeiras edições como Festa do Mar.

É quase um milagre que ele ainda se mantenha em Paraty,

atravessando períodos de completo abandono institucional. Embora o falecimento do Fernando em 2012 tenha sido um baque duríssimo para o Programa, e não tenha sido fácil enfrentar divergências e incompreensões da Reitoria a partir de 2015, nada se compara ao estrangulamento financeiro a que foram submetidas as universidades públicas a partir de 2016, e em especial, de 2018 a 2022, quando além da carência de recursos, foi necessário enfrentar uma covarde e falaciosa campanha de desmoralização das IFES, cuja origem estava no próprio Ministério da Educação.

Olhando tudo em retrospecto, parece que estamos falando de um outro mundo. O Festival UFRJmar em Cabo Frio, em suas maiores edições, chegou a atender de 30.000 a 40.000 pessoas, sendo um evento importante não só para a área da educação, mas também para a economia da cidade, gerando um movimento significativo nos hotéis e restaurantes, pois só com os estudantes que atuavam nas oficinas chegávamos a quase mil pessoas.

Cada ano que conseguimos fazer com que o UFRJmar aconteça é uma importante vitória e prova de resiliência e compromisso daqueles que abraçam o Festival. É sempre índice de esperança, de novas possibilidades. Também esse livro, escrito por tantas mãos que construíram esse processo, nos convida a não desistir, a permanecer e a seguir em frente.





A experiência do UFRJMar como inspiração para a construção da Universidade do Século XXI

Felipe Addor

Integrante/Apoiador do Programa UFRJMar desde 2004

Diretor Geral do Nides/UFRJ: 2018-2026



Introdução

Os últimos anos fizeram emergir um profundo e relevante debate sobre qual o papel das universidades públicas na conjuntura atual do Brasil.



Por um lado, cresceram os movimentos que desprezam o conhecimento científico bem como deixam de utilizá-lo como referência para definição de políticas públicas, baseando-se em uma desqualificação da atuação das universidades. Neste contexto, as universidades demonstraram uma frágil capacidade de reação, com pouca capacidade de mobilização da sociedade para defender as conquistas obtidas até hoje. Apesar de algumas tentativas de sensibilização e mobilização por parte dos intelectuais, artistas e acadêmicos, o que se viu foi uma adesão pífia dos cidadãos (e da mídia) aos atos em defesa das universidades públicas. Os pedidos de ajuda por parte das instituições



não encontraram eco nas pessoas que financiam seu trabalho por meio dos impostos.

Por outro lado, o advento da Covid-19 no mundo representou um teste de força para a academia. Apesar de um período inicial de embate político e retórico sobre a importância dos tratamentos e das vacinas no enfrentamento da pandemia, foi vastamente aceita a importância das instituições de pesquisa e da ciência, de modo geral, para que o mundo superasse a maior crise sanitária do último século. Houve uma ampliação da valorização da ciência no salvamento de dezenas de milhares de vida no Brasil (e de milhões de vida em todo o mundo). Pesquisas mostram o quanto a atuação da comunidade científica foi reconhecida pela sociedade como um todo.

Esses dois eventos fazem emergir uma questão: quais os caminhos para a universidade pública ganhar maior legitimidade frente a sociedade e como ela pode se transformar para servir de forma mais clara e efetiva para as reais demandas da sociedade brasileira?

Historicamente, a universidade pública brasileira sempre foi muito distante da maioria da população, por ter estado mais preocupada em atender demandas das elites. Recentemente, ações como a política de cotas, a ampliação da assistência estudantil e o reconhecimento curricular da extensão, promoveram um processo de popularização e democratização dessas instituições, mas ainda de forma tímida. E o contexto pode ter piorado pós-Covid, devido às

mudanças no mercado de trabalho, que atualmente não dá a mesma importância e valor para um diploma universitário.

O presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Marco Antonio Zago, em uma análise pós Covid-19, destacou a queda da procura de jovens pelos cursos universitários no país (menos 40% para os cursos de Engenharia), atrelada, segundo ele, a uma incapacidade de atualização e de adequação ao mundo contemporâneo por parte das universidades:

“Eu acho que as universidades precisam mudar suas abordagens de ensino radicalmente, saber que estão trabalhando com uma faixa e um conjunto de pessoas que pensam muito diferente do que nós pensávamos há 20 anos, que os cursos organizados nos moldes de 20 anos atrás não servem mais para essa juventude que está aí. Precisamos ouvi-los mais, ver quais são as ambições deles, o que eles querem, o que eles esperam. (...) “Ou a universidade faz isso [mudanças estruturais] rapidamente, ou ela desaparece, ela fica irrelevante”[1].

Não seria possível, neste texto curto e ensaístico, refletir sobre todas as possíveis ações que as universidades públicas poderiam realizar para tentar tornar-se mais adequadas ao mundo contemporâneo. Até porque as medidas que seriam importantes a ser tomadas em universidades de grandes centros, como a UFRJ, certamente não seriam as mesmas que precisam ser implantadas em instituições do sertão nordestino ou da região amazônica.

Entretanto, gostaria de exaltar a experiência extremamente





rica que foi sendo desenvolvida pela UFRJ no âmbito do projeto UFRJMar. Estructurei a análise dessa experiência a partir de três elementos extremamente enriquecedores para o processo acadêmico de formação de jovens que sempre estiverem profundamente presentes no espaço do Festival UFRJMar: a interdisciplinaridade; a formação cidadã; e a relação com a educação básica. Espero, com essa estruturação, trazer uma contribuição para podermos refletir as mudanças necessárias para a universidade pública brasileira nesta terceira década do século XXI.

Interdisciplinaridade

Uma das grandes limitações que se percebe nos cursos de ensino superior é sua perspectiva extremamente disciplinar. Se olharmos para o campo da Engenharia, onde fui formado e uma das principais bases políticas na construção do UFRJMar, em cursos de quase quatro mil horas de duração, são escassas as oportunidades dos estudantes de interagir com outras áreas acadêmicas. Quando muito, recebem formações teóricas básicas das áreas de exatas, como da Matemática, Física ou Química. Entretanto, o contato com as áreas de Ciências Sociais, por exemplo, é praticamente inexistente. As horas previstas para “Humanidades” (existentes antes do processo de reforma curricular que vem sendo realizada nos últimos anos) eram restritas a no máximo 8 (isso mesmo, oito horas, perto de 0,2% da carga horária do curso), sendo exigidas 0 (zero) horas em alguns cursos.

A disciplinaridade é, sem dúvida, um dos obstáculos para

que os estudantes formados tenham maior capacidade de enfrentar as adversidades e desafios que estão presentes no cotidiano. O problema cotidiano não se enquadra dentro de uma categoria acadêmica, não se subdivide nas caixas de Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica, Engenharia Civil, Engenharia Eletrotécnica, Engenharia de Produção, por exemplo. De forma geral, ele se apresenta com uma complexidade que exige uma articulação entre conhecimentos, práticas e ferramentas e que precisa de profissionais de diferentes áreas. E as universidades, de forma geral, não ensinam seus estudantes a construir interações com as outras áreas do conhecimento, a respeitar suas racionalidades, a buscar compreender as diferentes lógicas implícitas em cada raciocínio.

Em um debate sobre a melhor solução para geração de energia na região amazônica, ou sobre a melhor localidade para a instalação de uma hidrelétrica, muito provavelmente a opinião de um Engenheiro Eletricista vai ser diferente da visão de um antropólogo, que diferirá da perspectiva do ambientalista, que não será mesma de um gestor público. Se não estimularmos, dentro do espaço de formação acadêmica, um exercício de diálogo entre os profissionais das diferentes áreas para a resolução dos problemas, os/as egressos/as do ensino superior público brasileira terão muito mais dificuldades para atender as demandas da nossa população.

Nesse sentido, a experiência que o Festival UFRJMar propicia é de uma enorme riqueza. Ainda que as Oficinas organizadas sejam, de forma geral, geradas a partir de seus respectivos

cursos, o que se percebe ao longo do Festival é uma profícua troca, em que os estudantes começam a interagir (muitos pela primeira vez) com os conhecimentos e práticas de outras disciplinas. E, de repente, a partir dessa troca, um estudante da Engenharia de Alimentos começa a entender melhor a relevância de se pensar a gastronomia de uma comunidade tradicional caiçara de Paraty a partir dos recursos locais e das necessidades dos/as comunitários/as, e não apenas com base nos critérios alimentícios e na busca por geração de renda.

Se não explorarmos as possibilidades metodológicas de transposição das fronteiras disciplinares nas ações de ensino, pesquisa e extensão, certamente teremos maiores dificuldades para conseguirmos uma maior aproximação entre o ambiente acadêmico e o atendimento das necessidades sociais da população.

Formação cidadã

Outro elemento que fragiliza a formação dada pelas universidades públicas brasileiras e que impede uma atuação profissional mais íntegra (ou integrada ao conjunto da sociedade brasileira) dos/as seus/suas egressos/as é a precariedade de uma formação cidadã. Aos estudantes universitários, na maioria dos casos, não é dada a oportunidade de participar de reflexões mais profundas sobre o papel da universidade pública e sobre o seu papel como profissional no mundo. A formação extremamente tecnicista, prioritariamente preocupada com a transmissão de equações, ferramentas e conhecimentos abstratos não

está vinculada a uma compreensão sobre as funções sociais de tal ou qual profissão, ou a uma análise dos impactos de sua atuação profissional sobre a sociedade.

Formam-se jovens para entrar, de forma mecânica e acrítica, no mercado de trabalho, com o objetivo quase único de ganhar um bom salário e sustentar sua família. É preciso propiciar uma formação cidadã, uma educação que prepare profissionais críticos e reflexivos, que não tomem decisões apenas por elementos “técnicos” ou por submissão a ordens superiores, na sanha de garantir seu sucesso profissional individual, mas sim por acreditarem que estas são as decisões que melhores atendem aos anseios de um grupo, de uma comunidade, da sociedade.

A experimentação dos/as estudantes no Festival UFRJMar promove uma abertura de suas mentes, pois permite ver outras perspectivas relevantes que suas profissões podem ter. A relação com os estudantes da educação básica de escolas públicas já é um fato profundamente impactante, onde o/a graduando/a veste, por alguns dias, a vestimenta de educador, de professor, de tutor, no papel de promover uma interação lúdica e prazerosa com novos conhecimentos. Eles saem da posição passiva do estudante em sala de aula, que frequentemente está entediado com uma aula ou com a proposta de uma atividade pedagógica, e assumem o papel da pessoa que está tentando mostrar a relevância de um conhecimento, de uma pesquisa ou de um equipamento para um jovem que nunca teve acesso àquele ambiente. Só essa experiência já permite vivenciar de outras formas sua atuação como estudante universitário.

Para além disso, estar no contexto de uma cidade do interior, muitas vezes dialogando com trabalhadores e trabalhadoras locais, trocando sobre seu campo de estudo e as profissões das pessoas daquele território, vendo as demandas e pedidos de apoio que aparecem espontaneamente nos Festivais também propicia uma outra reflexão sobre as possibilidades de sua atuação profissional, que vão muito além do simples objetivo de conseguir uma vaga no mercado de trabalho e ter um bom salário.

Interiorização

O último elemento, mas não menos importante, está ligado à necessidade de as universidades públicas construírem vínculos com seus territórios, particularmente os territórios em que se encontram maiores demandas sociais.

Historicamente, as universidades públicas foram se instalando nas capitais e grandes centros urbanos. As populações interioranas já se habituavam à prática de sair de suas cidades de origem para ir estudar nos grandes centros.

Nos governos do PT, principalmente nos mandatos do presidente Lula (2003-2010), houve um grande estímulo à interiorização das instituições de ensino superior, seja com a criação de novas universidades, com a criação de novos campi, ou através da criação de Institutos Federais, que possuíam tanto cursos de ensino médio técnico quanto cursos de ensino superior. Entretanto, as universidades de maior porte e mais antigas, consolidadas nos grandes

centros, ainda apresentam grande resistência ao processo de interiorização. A UFRJ, por exemplo, possui apenas dois campi que são fora do município do Rio de Janeiro (Macaé e Duque de Caxias), número inferior até ao número de campi localizados dentro da cidade.

Se as universidades públicas querem se aproximar da sociedade e dos problemas que se apresentam nos diferentes territórios, elas precisam alojar-se nessas regiões. Não é possível (ou é muito mais difícil) promover processos efetivos de desenvolvimento territorial e transformação social em territórios sem haver vínculos e um compromisso institucional mais robusto e de longo prazo com aquele território.

A experiência da UFRJ no município de Macaé é um exemplo claro disso. Apesar de todas as dificuldades que se apresentam na estruturação dos cursos que ocorrem hoje naquela cidade, foi só com a implantação de um polo da Universidade na cidade que começou a haver um processo mais orgânico e estrutural de atendimento das demandas específicas daquela localidade, propiciando a formação de profissionais afins à economia local, inclusive promovendo a vinda de muitos estudantes que acabam por integrar-se e fortalecer o processo de desenvolvimento econômico daquele território.

O Festival UFRJMar, mais do que um evento esporádico de encontro entre Universidade, moradores e estudantes locais, propõe-se, desde sua criação, a ser uma ferramenta de fortalecimento da relação da UFRJ com os territórios do

interior do estado do Rio de Janeiro e um estímulo à sua interiorização. As relações que se constroem com a prefeitura, com as escolas públicas, com as comunidades e com as organizações sociais do território são uma base muito importante para processos posteriores de fortalecimento dessas relações e da potencial interiorização da universidade.

Fomentar os Festivais e, conseqüentemente, ampliar a interação da Universidade com o interior do estado é algo que contribuirá em muito para o diálogo com a sociedade e para a ampliação do conhecimento sobre o papel da Universidade e suas potencialidades.

Considerações finais

A Universidade Pública brasileira precisa, urgentemente, passar por um processo de oxigenação que a permita entender melhor as demandas que a sociedade apresenta e refletir qual o seu papel social na conjuntura do Brasil do século XXI. Caso se mantenha a estrutura conservadora e elitista que marcou sua história, ela tende, como profetizou o prof. Zago, a tornar-se irrelevante ou até desaparecer.

A experiência do Programa UFRJMar e de seus Festivais é um bálsamo que pode renovar a esperança de que é possível uma universidade que esteja alinhada às demandas da maioria dos trabalhadores e trabalhadoras brasileiras, que oriente suas atividades acadêmicas a partir da realidade dos territórios, propiciando uma formação de qualidade, crítica e cidadã aos/às nossos (as) jovens.

Pude participar do Festival UFRJMar como estudante de graduação, estudante de pós-graduação, professor e agora como Diretor da Unidade. E ainda que, neste texto, eu tenha dado mais destaque ao seu impacto sobre a formação dos/as estudantes, queria registrar que esse impacto também é de grande importância para os servidores da UFRJ, docentes e técnicos, que vislumbram outra perspectiva de atuação da Universidade (saindo da torre de marfim das burocracias e academicismos); e para a instituição UFRJ em si, que precisa se desdobrar e sair da sua zona de conforto para entender que, sem a viabilização dessa interação com a sociedade, todo nosso trabalho acadêmico perde o sentido.

Só assim, e com um grande esforço de promover novos espaços de diálogo e comunicação contínua com a sociedade, que poderemos recolocar nossas universidades no lugar de reconhecimento e de valorização de onde nunca deveriam ter saído.

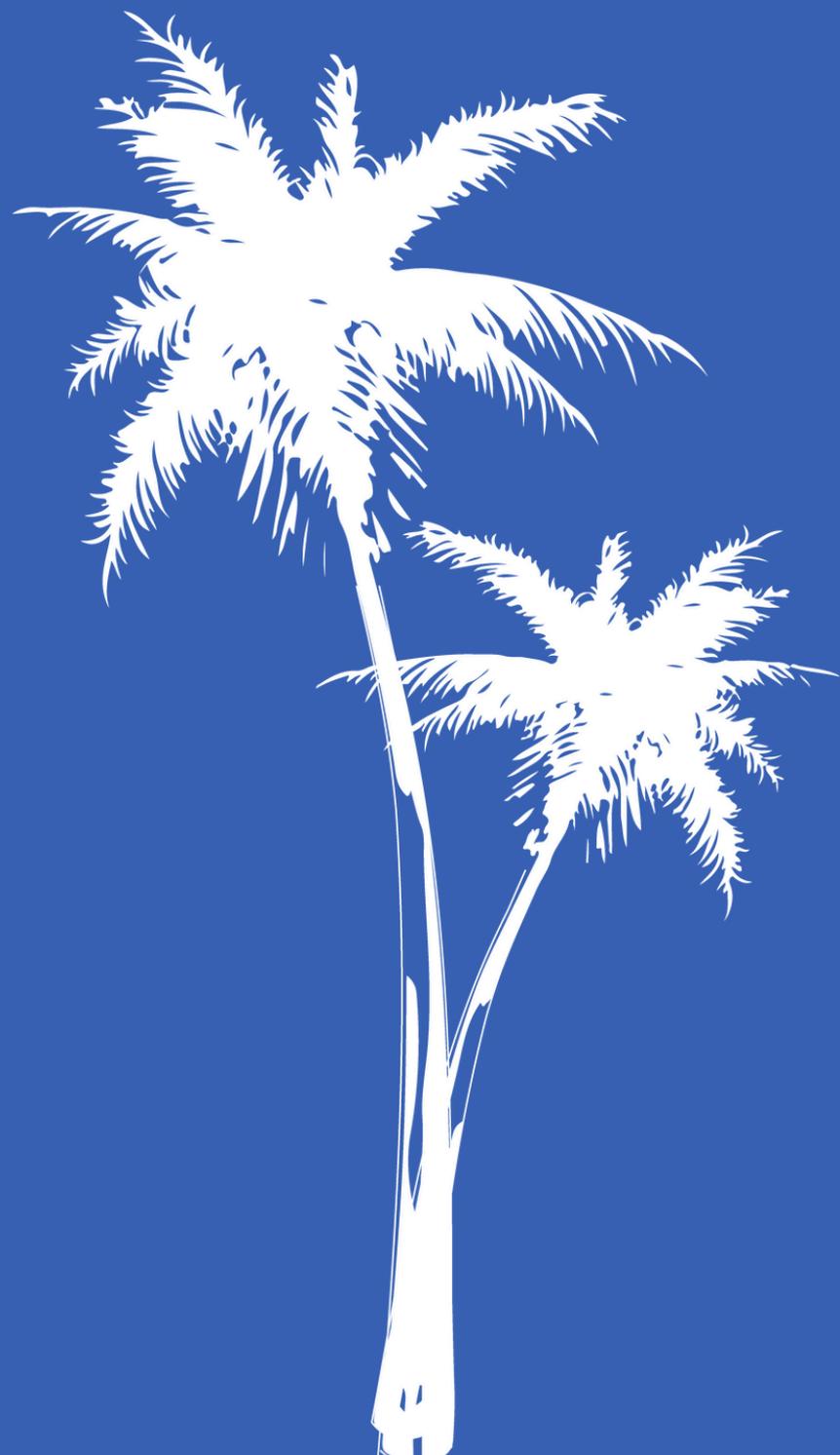
O Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Nides/UFRJ) tem grande orgulho em dar continuidade ao projeto do UFRJMar, por acreditar que ele traz esse oxigênio de renovação necessário ao Centro de Tecnologia e a toda UFRJ.

VIVA O UFRJMar!!!

[1] <https://namidia.fapesp.br/ou-as-universidades-se-reestruturam-ou-correrao-o-risco-de-se-tornarem-irrelevantes-alerta-presidente-da-fapesp/429248>.



Olhar Institucional



“A função da educação é ensinar a pensar intensamente e pensar criticamente. Inteligência mais caráter: esse é o objetivo da verdadeira educação.”

Martin Luther King Jr.



Breve Histórico do Festival UFRJMar

Walter Suemitsu

Decano do Centro de Tecnologia da UFRJ

O projeto UFRJMar começou entre 2001 e 2002, a partir de uma ideia do então reitor, professor Carlos Lessa. A proposta de interiorização da UFRJ era novidade. Nesta época, não havia processos de interiorização, que só tiveram início com o campus de Macaé, em 2008, e que ganharam força maior a partir do REUNI.

O primeiro passo para o início do projeto foi uma reunião em Ilha Grande, reunindo discentes de várias áreas ligadas ao mar como Biologia, Engenharia Naval, Engenharia Costeira e algumas áreas da Educação Física, como natação. O que incentivou o encontro de tantas frentes diferentes foi o desconforto do ex-reitor com a quantidade de crianças no Rio de Janeiro e em outras cidades litorâneas que não sabiam nadar; e mesmo aqui no Rio de Janeiro, as crianças que vivem em Nova Iguaçu, ou nos bairros mais distantes do mar, nem mesmo o conheciam, o que ele acreditava ser algo absurdo com a costa que o Brasil possui.

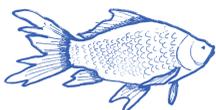
O modelo de festival surgiu em 2002, com o pro-

fessor Fernando Amorim, que comprou a ideia de interiorização, bem como a ideia do projeto, e transformou o projeto UFRJMar num festival.

Deu esse nome de festival, mas na verdade era uma maneira de apresentar os trabalhos que eram feitos na UFRJ. Então, Amorim conseguiu envolver pessoas da área de Biologia, do Instituto de Química, da Educação Física, e baseou o festival em um sistema de oficinas realizadas por professores, alunos, tanto de graduação como de pós-graduação, e servidores técnico-administrativos. Com isso eles atingiam o público-alvo, que eram principalmente alunos do ensino médio, apresentando a produção da universidade e incentivando os alunos a fazerem o vestibular que, na época, era um mito para eles.

Os alunos mais carentes, de cidades mais distantes, achavam que não iam passar no vestibular da UFRJ e nem faziam, pois já achavam que não iriam ser aprovados. Então, essas oficinas eram uma forma de desmistificar a universidade. O UFRJMar se consolidou e passou a ser realizado duas vezes ao ano: uma no primeiro semestre, em maio, e outra no segundo semestre, em outubro ou novembro. Começou na Ilha Grande, foi para Arraial do Cabo, depois foi para Arraial do Cabo, depois foi pra Cabo Frio, Macaé, Búzios; até 2007, ficou mais para o litoral norte, quando, então, houve um evento experimental em Paraty, no litoral sul.

A partir de 2010, 2011, a iniciativa do REUNI começou a interiorizar as universidades públicas federais. Nessa época, a unidade de Macaé já existia, mas foi criado também o



campus de Xerém, que hoje corresponde ao campus Duque de Caixas. Apesar disso, as atividades relacionadas ao mar permaneceram concentradas em Macaé, onde já realizamos o projeto UFRJMar, aproveitando o fato de ser uma cidade costeira. Duque de Caxias, embora também tenha uma certa proximidade com o mar, nunca foi contemplado com iniciativas semelhantes – o que talvez seja uma ideia interessante para o futuro.

Acredito que hoje, com o REUNI, já não existe mais esse medo de entrar na UFRJ; nós temos alunos das mais diferentes classes sociais, dos mais diferentes lugares, não só do Rio de Janeiro, mas do Brasil; então realmente esse processo de interiorização se consolidou, e o professor Fernando Amorim foi o grande incentivador do UFRJMar e seu grande realizador. Infelizmente, o professor Fernando Amorim faleceu em 2012, precocemente, e o UFRJMar passou a ser um programa do Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (Nides), se tornando depois um programa de extensão.

Falando em números, em maio de 2007 o evento aconteceu em Cabo Frio e reuniu 800 alunos de graduação e pós-graduação da UFRJ, além de 150 professores e servidores técnico-administrativos. Foram recebidas 40 mil pessoas, entre alunos do ensino fundamental, alunos do ensino médio, pais de alunos e outros interessados. O UFRJMar é um dos poucos eventos culturais desenvolvidos para os moradores dessas cidades turísticas.

Nessa época, o orçamento da Universidade estava crescendo, mas depois, com o orçamento reduzido, a dificuldade para or-

ganizar novas edições aumentou significativamente. Já procuramos recursos externos e financiamentos, mas talvez seja preciso aumentar essa busca, inclusive junto a empresas, para viabilizar a continuidade do nosso evento.

Nos últimos anos, temos concentrado nossos esforços na realização do UFRJMar em Paraty, pois o município é uma das cidades do Rio de Janeiro que ainda não conta com a atuação institucional de uma universidade federal. Existem algumas instituições que realizam atividades pontuais na região, como a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), mas não há uma presença consolidada, como ocorre com o Instituto Federal Fluminense (IFF) em Angra dos Reis ou em Cabo Frio. Portanto, ainda não existe uma instituição federal instalada em Paraty. Estar lá pode ser uma forma de a UFRJ atuar mais efetivamente, com mais atividades de extensão, pois Paraty é uma cidade que merece atenção da universidade.

Outra cidade que também merece atenção é Búzios, que enfrenta uma situação semelhante. Embora exista o Instituto Federal Fluminense em Cabo Frio, ele não atende plenamente às necessidades de Búzios, uma cidade que oferece muito espaço e potencial para as atividades do UFRJMar. Já Maricá conta com uma unidade do Instituto Federal Fluminense, o que pode abrir possibilidades de parcerias para desenvolvermos o UFRJMar por lá também. Acredito que esse é o futuro do UFRJMar.

Uma escola, um sonho, uma realidade: a ousadia e os projetos de Professor Fernando Amorim

Hélio de Mattos Alves
Faculdade de Farmácia da UFRJ

Assim começou o projeto da Escola de Pescadores de Macaé, coordenado pelo Professor Fernando Amorim, da Engenharia Naval da UFRJ, que levou a excelência do conhecimento da UFRJ para um projeto vitorioso em ensino e aprendizado, ao longo dos três anos de existência da Escola Municipal de Pescadores. Era uma escola técnica, em tempo integral, para alunos da 5ª à 8ª séries do ensino fundamental de Macaé, onde os professores do núcleo profissionalizante eram alunos de graduação e pós-graduação da UFRJ, orientados e supervisionados por docentes da própria universidade.

O projeto foi idealizado em 1999 e, segundo Fernando, "foi idealizada a implantação de uma escola voltada para o desenvolvimento da pesca, na qual se conjugaria o aprendizado da técnica pesqueira às exigências do ensino fundamental. Foi criado um modelo educacional inteiramente novo; um modelo atraente o bastante para que os alunos se sentissem realmente motivados a permanecer na escola.

Certamente essa motivação seria um fator decisivo para que a evasão escolar deixasse de ocorrer em níveis tão acentuados”. Isso foi resultado do contato com a Secretaria de Educação de Macaé, que estava muito preocupada com os altos índices de evasão na rede pública do município.

Nessa escola, os alunos participavam de cursos sobre a profissão de pescador e ainda aprendiam sobre navegação e construção naval. O diferencial estava na carga horária das aulas: a escola funcionava em período integral e, além de ensinar as disciplinas do ensino fundamental, ocupava o restante do tempo com oficinas e cursos. A partir de pequenos pedaços de madeira compensada, os alunos iam aprendendo, pouco a pouco, a construir um barco. Em um modelo reduzido, eles passavam por uma série de etapas no processo construtivo, até que, ao final, tinham o seu próprio barco.

O Instituto Politécnico de Cabo Frio

A consolidação e a repercussão do Colégio Municipal de Pescadores estimularam a Prefeitura de Cabo Frio a criar, nesta cidade, um projeto semelhante. As primeiras atividades tiveram início em 2008, com três unidades: a primeira atendia alunos do 1º ao 5º ano; a segunda, alunos do 6º ao 9º ano; e a terceira, alunos do ensino médio. Todas as unidades funcionavam com atividades em tempo integral. Oficinas e laboratórios foram projetados para atender a alunos de programas de qualificação profissional paralelos ao ensino médio. Os que abandonaram a escola regular de ensino médio tinham a opção de frequentar as oficinas des-

de que estivessem matriculados em cursos do EJA. Eram 10 turmas de 1º ao 5º ano, duas turmas de 6º ano e duas turmas de 1ª série do ensino médio.

Em novembro de 2007, teve início o programa de seleção e qualificação dos professores residentes, que passaram a atuar sob a supervisão de professores da UFRJ. Essa escola foi concebida como um projeto político-pedagógico de caráter transformador, que defende o trabalho como princípio educativo e propõe uma revisão do papel da educação profissional na cisão histórica entre as atividades manual e intelectual na divisão social do trabalho. Além de oferecer ensino médio integrado em três áreas de formação profissional, a escola funcionava como um laboratório do Programa de Qualificação de Professores em Educação e Trabalho, desenvolvendo metodologias de ensino que integravam o conhecimento e uniam teoria e prática. Desde a sua criação, o Politécnic de Cabo Frio teve êxitos acadêmicos: em 2013, a escola obteve o melhor desempenho no ENEM entre as escolas públicas de ensino da Cidade de Cabo Frio; Em 2015, 34% dos egressos da escola estavam matriculados em universidades públicas, outros 30% em universidades privadas, com bolsas do PROUNI e 19% deles atuavam nas áreas de formação pelas quais optaram quando entraram para o colégio.

Os resultados na formação de professores também são relevantes: desde 2008, formaram-se mais de 150 docentes, e vários deles defenderam estudos e pesquisas sobre práticas desenvolvidas no Instituto Politécnic de Cabo Frio, sendo quatro especializações *latu sensu*, seis dissertações

de mestrado e uma tese de doutorado.

Em sua dissertação de mestrado “INSTITUTO POLITÉCNICO DA UFRJ – motivações, percepções e perspectivas de uma Escola Universitária baseada na Educação pelo Trabalho”, defendida em novembro de 2014 no Programa de Pós-graduação em Educação, na Faculdade de Educação da UFRJ, a Professora Marcella Freire Ventin declara que: “Dentro do que podemos apreciar nos limites desta pesquisa, o Instituto Politécnico tem constituído uma experiência válida para o campo da Educação pelo Trabalho, colaborando para o avanço de uma metodologia pedagógica baseada na Educação Politécnica”. “Prevalece entre os professores a percepção de um ensino efetivo e de qualidade. Principalmente no que tange a formação crítica dos alunos, em que 31,3% concordam e 59,4% concordam completamente que o IPUFRJ possibilita e valoriza tal preceito.”

No artigo “Da proposta politécnica e o programa de Institutos Politécnicos”, Luiz Henrique Costa, Priscila Matsunaga e Fernando Amorim abordam os diversos projetos ligados à politécnica: “a UFRJ vem fazendo investimentos estratégicos na prospecção de alternativas promotoras do desenvolvimento dos municípios que compõem a planície litorânea do estado. A criação do campus Macaé, em 2006, coroa um processo iniciado com pesquisas em Limnologia, nos anos 1980, desdobrando se na proposição de novos modelos pedagógicos para o ensino público nos níveis fundamental e médio; na definição

de novos horizontes para a formação profissional na pesca, na aquicultura e na indústria náutica; na criação de cursos de graduação; na criação do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente, Desenvolvimento Social e Políticas Públicas; e na investigação dos entraves da cadeia produtiva da pesca na região — o que resultou, por um lado, na realimentação dos projetos de ensino e de formação profissional, evidenciando demandas das comunidades de pescadores e de construtores de embarcações; e, por outro, na elaboração de projetos de aprimoramento das áreas em que aqueles entraves se mostraram mais agudos.”

Dentre essas iniciativas, destaca-se a criação do Programa de Colégios Politécnicos da UFRJ, formulação que deu origem ao Colégio Municipal de Pescadores de Macaé, Centros de Vocação Tecnológica (o CVT da Pesca e da Indústria Náutica na Região dos Lagos, em Cabo Frio e o CVT da Pesca no Norte Fluminense, em Macaé), apoiados pelo MCTI, e ao Colégio Politécnico da UFRJ em Cabo Frio. O projeto do Instituto Politécnico da UFRJ em Paraty, foi fruto das experiências acumuladas pelo Núcleo UFRJ Mar nas gestões do Colégio de Pescadores de Macaé e do Colégio Politécnico de Cabo Frio e da responsabilidade da universidade pública brasileira com a formulação de novas práticas e estudos.

O Festival UFRJMar

Em 2002, após uma intervenção na UFRJ pelo Governo FHC, assumiu a Reitoria o Professor Carlos Lessa. Em outubro ele esteve presente no Encontro Baías e Ambientes Costeiros do Rio de Janeiro, que tinha como objetivo ser uma articula-

ção dos pesquisadores e professores que trabalhavam com o mar como objeto de ensino e pesquisa.

O Reitor da UFRJ fez então a proposta de realização de um evento de extensão com um objetivo duplo: divulgar o trabalho da UFRJ em áreas e regiões onde a instituição estava ausente ou pouco presente, e conhecer melhor estas áreas para que fosse possível iniciar trabalhos que contribuíssem para o desenvolvimento econômico e social destas regiões. Foi realizado então o 1º Festival UFRJMar que teve seu sucesso no envolvimento da população, do governo municipal e dos diversos parceiros da economia local que participaram. Esse festival na Ilha Grande foi o piloto de um evento que agora, em agosto de 2024, chegará na sua 24ª edição na cidade de Paraty. Nessas edições anuais do Festival UFRJMar são levadas para essas cidades, a ciência, a arte, o esporte e a cultura do nosso litoral, cultivadas pela Universidade, sob a forma de oficinas interativas.

Segundo Fernando Amorim, esses são os objetivos do UFRJMar: Divulgar a produção científica das instituições envolvidas, com ênfase especial para aquelas relativas ao mar e aos ambientes costeiros, tendo como público alvo principal os alunos da rede pública da região, os alunos da graduação das IES do Rio de Janeiro, a comunidade de Arraial do Cabo e a sociedade de uma forma mais ampla; promover uma integração horizontal no âmbito das instituições envolvidas e a articulação com outras instituições universitárias e de pesquisa; estimular programas e ações permanentes visando o desenvolvimen-

to regional e a criação de vínculos permanentes com a população e os municípios da região costeira do Rio de Janeiro; criar modelos de atividades culturais de baixa relação custo/benefício com grande repercussão social por promover o turismo, a geração de emprego e renda e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento regional; aumentar a visibilidade da UFRJ e das instituições envolvidas em áreas onde seu trabalho tem sido pouco percebido pela sociedade.

Em cidades como Macaé, Cabo Frio, Búzios, Arraial do Cabo e Paraty milhares de pessoas participam das diversas oficinas, com uma média de 10 mil participantes. Uma integração com a rede pública da rede municipal leva professores e estudantes para essas atividades. Esse projeto é considerado o maior projeto de extensão da UFRJ, e é realizado na Cidade de Paraty, no Colégio Estadual Engenheiro Mário Moura Brasil do Amaral (CEMBRA) e na Praia do Pontal, com apoio financeiro da FAPERJ e do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e da Secretaria de Educação de Paraty. Em média recebe 3.000 estudantes da região (inclusive estudantes quilombolas, alunos da Educação de Jovens e Adultos (CEEJA) e das escolas das aldeias indígenas. São de 25 a 30 oficinas de diversas unidades acadêmicas da universidade.

Núcleo Interdisciplinar de Desenvolvimento Social (Nides)

O reconhecimento da UFRJ pelos projetos inovadores de Fernando Amorim foi feito na Sessão do Conselho Universitário de 28 de fevereiro, que aprovou a criação do Núcleo Interdisciplinar de Desenvolvimento Social (Nides), que

passou a agregar diversos projetos de extensão: UFRJMar; Colégio Politécnico de Cabo Frio; Núcleo de Solidariedade Técnica (Soltec); Polo Náutico; Laboratório de Informática para Educação (LipE); Laboratório de Fontes Alternativas de Energia (Lafae). Essa proposta foi aprovada em 2009 pelo Conselho de Centro do CT. Segundo o Professor Sidney Lianza do SOLTEC, “Foi uma grande vitória política, de certa concepção de universidade. A proposta que venceu é de que devemos estar junto à sociedade enfrentando os problemas sociais e ambientais de acordo com os preceitos de uma universidade pública, que deve ser de qualidade e gratuita. E também buscando desenvolver conhecimento para enfrentar os problemas mais centrais da população”.

Além de suas disciplinas de extensão da graduação, o NIDES, em pouco espaço de tempo, teve seu Mestrado Profissional aprovado em todos os colegiados superiores da UFRJ e pela CAPES, em dezembro de 2014. O Programa de Pós-Graduação em Tecnologia para Desenvolvimento Social (PPGTDS) tem uma única área de concentração, denominada “Tecnologia para o Desenvolvimento Social”, que conta com três linhas de pesquisa: “GESTÃO PARTICIPATIVA”, “TECNOLOGIA SOCIAL” e “TRABALHO E FORMAÇÃO POLITÉCNICA”.

As atividades de pesquisa do PPGTDS estão inicialmente estruturadas em projetos que perpassam essas linhas, integrando docentes, técnicos e discentes, que formam as equipes dos laboratórios do NIDES. Na linha de Tecnologia Social, podem ingressar tanto profissionais das ciências humanas como áreas de saúde, tecnologia e da natureza, tendo em vista que já existem no Nides projetos com essas

caracísticas de integração. Na linha de Trabalho e Formação Politécnica há, por exemplo, vínculos já estabelecidos com as áreas de letras, educação física e ensino de engenharia, o que indica uma potencialidade de receber candidatos dessas áreas para o Mestrado.

O Professor Fernando Amorim, nesses projetos, teve a inspiração de grandes educadores brasileiros como Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, que também dedicaram boa parte da vida a construir a universidade brasileira e deixaram grandes legados com seus projetos. Tudo girava em torno do Grupo Interdisciplinar UFRJMar. Anísio Teixeira disse que "universidade é a reunião dos que sabem e dos que desejam aprender", e está exatamente nessa junção a construção de uma cultura — e a história dessa cultura está na base de formação do seu povo. A construção dessa identidade só pode ser feita com plena autonomia das universidades brasileiras. Essa junção do mar com a interdisciplinaridade somente terá sucesso com mudanças profundas nas estruturas arcaicas das universidades e com o fim da fragmentação do conhecimento.

UFRJMar: breve histórico do maior projeto de extensão da UFRJ

Regina Célia Freitas Magalhães e Rosana Torres
Decania do Centro de Tecnologia da UFRJ

Iniciamos nossa experiência no Festival UFRJMar em 2009, nesta época, estávamos na Secretaria da Decania do Centro de Tecnologia (CT) da UFRJ, no primeiro mandato do Decano do Centro de Tecnologia, Professor Walter Issamu Suemitsu. Implementamos o “Programa de Qualidade de Vida”, em parceria com o Programa de Engenharia Naval e Oceânica da Coppe/UFRJ, oferecendo à comunidade do CT dança de salão, ginástica laboral, artes marciais, teatro, entre outras atividades.

Neste ano, o saudoso Prof. Fernando Amorim, idealizador do UFRJMar, convidou a oficina de dança de salão para participar do XI Festival UFRJMar em Cabo Frio, e lá fomos nós. Sob a coordenação do estudante da Escola de Educação Física e membro da Companhia Folclórica da UFRJ, Rodrigo Magalhães, oferecemos a oficina de dança aos alunos das redes municipais, estaduais e particular, e aos transeuntes no Polo da Praia do Siqueira, em Cabo Frio, entre os dias 13 a 16 de maio de 2009.

A oficina consistia em ensinar os passos básicos de ritmos, como samba, bolero, soltinho, salsa, forró, e na apresentação de dança de salão com a participação dos espectadores.

Cartazes de divulgação das atividades do “Programa de Qualidade de Vida” foram apresentados à comunidade local para mostrar o que o CT estava realizando em benefício da qualidade de vida do seu corpo social (alunos, professores e funcionários).

As oficinas viraram a marca registrada do Festival, com o objetivo de divulgar e recriar conhecimentos com novas formas de ensinar/aprender. As atividades propostas vêm sendo realizadas, até então, por alunos da graduação e pós-graduação, sob orientação de professores da UFRJ.

A experiência de estar participando, junto com outras oficinas, dos cursos da UFRJ e também podendo contribuir nessa troca de saberes, é incrível.

“É o saber que nos possibilita a organizar a vida, plantar, colher, produzir as máquinas e equipamentos, construir nossas casas, nossas cidades e preservar a saúde, curar as doenças, gerir a economia, planejar a produção...”

Este trecho da Aula Magna da UFRJ, proferida por Ferreira Gullar em 2006, expressa o sentimento da oficina de dança de salão em participar do UFRJMar. Retrata a oportunidade de conhecer outros saberes e de poder oferecer o nosso saber, abrindo o leque de possibilidades, mostrando aos jovens que o ensino-aprendizagem pode ser feito de maneira harmônica.

A integração das diversas oficinas foi também um fato marcante. Vários integrantes das mais diversas oficinas participaram das danças, o que nos aproximou. Tivemos a oportunidade de conhecer o trabalho da Liga Acadêmica de Trauma e Emergência (LATE) da UFRJ, em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF), além das oficinas de Reciclagem e Fundo do Mar. O mais significativo foi poder trazer esses saberes para o CT.

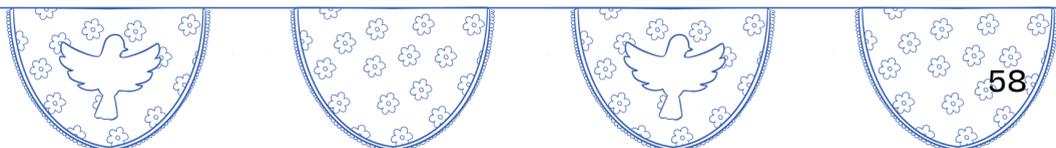
Outro fato que pudemos comprovar foi que os jovens estão participando, conhecendo e buscando conhecimentos e a UFRJ, através do Festival, está cumprindo o seu papel.

A partir de 2009 participamos de todas as edições do Festival, e a partir de 2014, após a morte de Fernando Amorim, Suemitsu passou a coordenar o UFRJMar. Neste mesmo ano, passei a integrar a Comissão Organizadora, juntamente com a servidora técnica-administrativa, Regina Magalhães.

O Festival UFRJMar teve início em 2002, em Ilha Grande e, desde então, foi realizado em Cabo Frio, Arraial do Cabo, Búzios, Macaé, Niterói, Paraty, na Comunidade da Maré e na Cidade Universitária (Campus Fundão).

O evento possui um caráter essencialmente interdisciplinar e envolve, além da realização das oficinas, a apresentação de palestras, cursos e atividades de formação. Estas parcerias estimulam a troca de saberes entre a Universidade e as comunidades locais.

Em 2019, junto com as comemorações da Semana Nacional



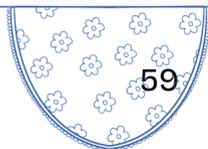
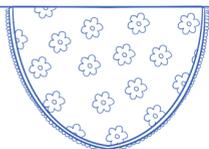
de Ciência e Tecnologia em parceria com a PR5/UFRJ, o evento ocorreu no Hangar Náutico, na Ilha da Cidade Universitária.

Em 2021, decidimos realizar o evento de maneira remota, de uma forma inovadora e desafiadora, em virtude da pandemia do Covid-19. Mantendo a tradição das oficinas, realizamos lives pelos canais do Youtube e Facebook do CT, após ampla divulgação junto às escolas públicas – municipais, estaduais e federais –, além das instituições privadas. Assim, com o objetivo de trocar conhecimentos e explorar novas formas de ensinar, o projeto contribuiu para o processo de ensino-aprendizagem do alunado da rede pública e particular de ensino.

Com o passar dos anos e a dificuldade na obtenção de patrocínio, o projeto, a partir de 2007, concentrou-se na região de Paraty.

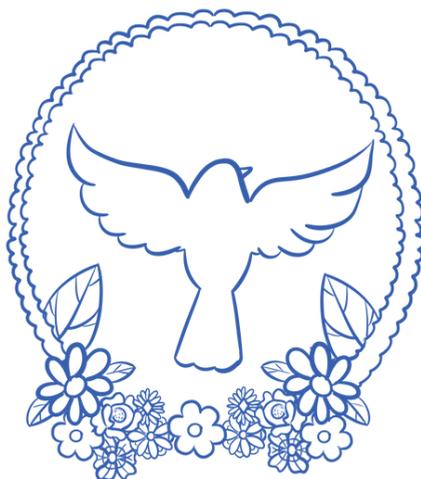
O Festival teve início em Paraty num formato menor, com o nome de Festa do Mar e do Sol, e com a dificuldade na obtenção de patrocínio. O Festival é realizado nesta região até hoje (Praia do Pontal, Praça da Matriz, Comunidade Ilha das Cobras, Apa-Cairuçu, Ilha do Araújo, Colégio Estadual Mário Moura Brasil do Amaral – CEMBRA, Colégio Municipal Cilencina Rubem de Oliveira Mello - Barra Grande, Escola Municipal Monsenhor Hélio Pires - Praia Grande).

Atualmente o Festival UFRJMar ainda é coordenado pelo Decano do Centro de Tecnologia, Walter Issamu Suemitsu, e



faz parte do Programa de Extensão, Tecnologia Social e Ciências do Mar do Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (NIDES/CT).

O projeto UFRJMar é uma importante estratégia de promover a interiorização de saberes. O evento contribui no desenvolvimento de estudos e pesquisas de grupos e laboratórios de diversas áreas acadêmicas da UFRJ, portanto, auxilia e aprimora técnicas e práticas de ensino, contribuindo com o relacionamento e a troca de experiências entre professores e alunos universitários e escolas, ampliando a cidadania e a inclusão social. Além de divulgar o ambiente de uma universidade federal aos alunos das escolas das regiões envolvidas, busca intensificar o número de jovens universitários e encorajá-los na vida acadêmica e na carreira.





UFRJMar: Projeto transforma o entendimento de universidade pública

Armando Alves de Oliveira
Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ

Sou professor na Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da UFRJ e, durante o primeiro UFRJMar, eu era coordenador de esportes da unidade, e me deparei com um cartaz convidando para o evento que ocorreria na Ilha Grande.

Cheguei a dividir a organização do UFRJMar com o professor Fernando Amorim; ele era o mentor do evento, e nós, da educação física. tínhamos a função mais operacional. A ideia de levar o evento para Cabo Frio foi minha. Fui até lá no meu carro particular e apresentei o projeto para a Secretaria de Educação da cidade, que se interessou pela proposta.

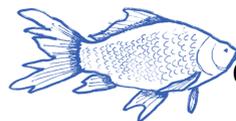
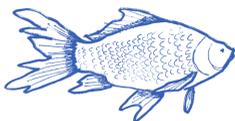
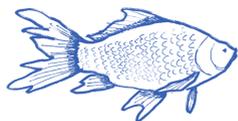
Naquele momento firmamos a parceria com a cidade de Cabo Frio. Preciso ressaltar o auxílio de Regina Balbi, uma funcionária, hoje aposentada, da Coordenação de Extensão, e Ana Lúcia, que era professora do Departamento de Arte Corporal, mas que eu convenci para que viesse para a Coordenação de Extensão, na or-

organização do evento em Cabo Frio. Levamos 600 estudantes para um hotel da região para montar 60 oficinas. Destes, 120 eram alunos da educação física, divididos em 12 oficinas.

A equipe de educação física virou gestora do evento. Por exemplo, 15 dias antes, a equipe de trabalho já se deslocava para fazer vistorias, contato com os espaços, com as instituições e com as escolas, de forma que, quando a equipe das oficinas chegasse, já tivéssemos a equipe de preparo do próximo UFRJMar. Quando voltávamos para o Rio, já estávamos pensando nas próximas edições do festival. E pensávamos no sentido mais amplo, de como torná-lo sempre melhor.

Nós tínhamos um projeto do Mestre Moreira, especialista em embarcações, que cuidava de um navio-escola da Marinha, em que ele ministrava uma oficina de construção de barcos, que é uma ciência matemática. Em um dos festivais, o Moreira sentou na grama embaixo de uma tenda com trinta crianças, entre quatro e seis anos, prestando total atenção no que ele estava apresentando. Muito professor não consegue isso, essa pedagogia do Moreira.

A equipe do UFRJMar acabou trabalhando também em algumas instâncias junto ao Governo Federal, numa atividade importantíssima: a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, em que nós participamos com as oficinas, que são a cara do UFRJMar. A quantidade de alunos que se deslocavam para as escolas públicas durante a Semana era enorme, nós chegamos a ter quatro mil crianças por período.



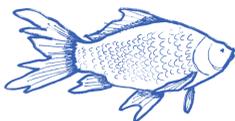
Nós tínhamos oficinas na praia, oficinas nas salas, a mesma coisa em Arraial do Cabo, que foi sensacional. Nós ficamos à frente disso e do UFRJMar até 2010. Não era uma atividade só de extensão. Era a universidade vibrando. Era a universidade explodindo. É claro que havia outros projetos maravilhosos, mas o UFRJMar, pelo volume de atividades, mudou o meu entendimento de universidade — especialmente da universidade pública.

A extensão, para mim, não era levar a universidade para ensinar coisas ou cuidar das crianças coitadinhas de escola pública. Era levar conhecimento, trocar saberes, ser questionados o tempo todo.

Todas as atividades desenvolvidas na UFRJMar tinham sua importância. Nós da educação física realizamos, entre outras, o muro de escalada voltado para crianças com deficiência e os esportes de praia, como o handebol e o basquete de areia, todos com finalidades pedagógicas.

Nós tínhamos sempre a presença da Companhia Folclórica da UFRJ, da produtora do Ouro e do Mestre Franki, e eles não iam com preparação, mas eram sempre uma referência muito grande, inclusive na finalização dos últimos dias.

Outra importância do UFRJMar para a universidade foi estabelecer uma conversa entre as suas diferentes áreas de conhecimento, que ainda hoje, de certa forma, são bem distantes. Então houve, e espero que continue assim, esta conversa, na busca para que houvesse, efetivamente, uma



universidade única, sem áreas distintas ou mais importantes do que outras.

Existiam desafios sempre. Nós levamos de 20 a 30 pessoas num ônibus da universidade para Ilha Grande, então, a questão financeira era um desafio. O local também era uma questão, porque nem todas as cidades ofereciam total apoio. A diferença é que transformamos, o que devia ser dificuldade, no nosso trabalho. Então, em nenhum momento houve um impedimento; em nenhum momento falamos: “não vai dar”.

A grande diferença do UFRJMar era essa: a equipe ia pessoalmente negociar. Nós buscamos apoio dentro da estrutura da própria universidade. O Centro de Tecnologia, principalmente a Coppe, teve um papel importante nisso. Então, sempre buscamos conseguir apoio para o projeto, mas um apoio com perfil qualificado. Sempre apresentamos o projeto usando essa palavra: “qualificado”, porque nós confiávamos na qualidade do festival UFRJMar. Depois da segunda edição, o UFRJMar virou uma marca para a universidade.



Festival UFRJMar: interação direta da universidade com a sociedade

José Luiz Marques Pintor

Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ

A Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da UFRJ é parceira de primeira hora do festival UFRJmar. E, por estar próximo à direção da escola, nós sempre providenciamos e articulamos os grupos para participar do evento. Apesar de não ir presencialmente, sempre contribui para a formação de equipes.

A minha maior inserção no UFRJmar foi quando eu assumi as aulas de vela em 2011. Foi aí que estive mais próximo do UFRJmar. Fizemos, inclusive, na pandemia, uma edição no Hangar Náutico da UFRJ na Cidade Universitária, em 2019. De 2011 em diante, participei de quase todos os anos com a oficina de vela. Assim, eu era professor da matéria e organizador de áreas de conhecimento envolvidas no evento.

O UFRJMar é um evento de grande repercussão no ambiente acadêmico universitário. E, pelo fato de ter esse link, esse vínculo com a educação física, nós sempre tivemos, de forma direta ou indireta, envolvimento, o convívio, o reconhecimento dessa participação histórica.

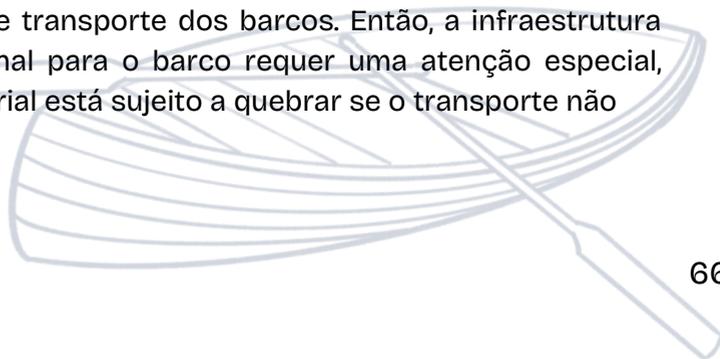
A principal experiência do evento é contribuir com a certeza de que o segmento da extensão é fundamental, porque ele é a interação direta da universidade com a sociedade.

Historicamente, a universidade era um espaço elitizado. E, além disso, temos os cursos também, com uma hierarquia de importância entre eles. A extensão é o meio de comunicação direta da universidade com a população que nos financia e se tornou algo bastante significativo no sentido de retornar para a sociedade o seu investimento.

Levar para a população a nossa produção e o potencial de nosso trabalho é algo que valoriza a universidade. É algo que proporciona ao cidadão olhar através do UFRJMar e das nossas atividades e enxergar o espaço fecundo da UFRJ; enxergar que este espaço é possível para os alunos das cidades litorâneas, que eles também podem estudar em uma universidade pública.

É verdade que a universidade é um recorte da realidade nacional. E nós, temos dentro da universidade os mesmos problemas existentes aqui fora, mas numa dimensão muito menor; e a mola propulsora da universidade é a busca do saber, é a construção do ser humano.

Os maiores desafios são sempre conseguir a infraestrutura necessária. Por exemplo, eu, na vela, tenho sempre um problema de transporte dos barcos. Então, a infraestrutura organizacional para o barco requer uma atenção especial, pois o material está sujeito a quebrar se o transporte não



for bem feito. Então, a organização da infraestrutura de um evento grande é algo bastante complexo.

Para tornar o evento melhor, algo que é necessário e que não depende de nós diretamente, é a vinculação de orçamento para a extensão e, conseqüentemente, para o UFRJMar. Temos constatado que cada vez temos menos condições de realizar o festival em função da dificuldade na captação de recursos. A nossa área de educação física é imensa, há várias possibilidades, e precisamos entender a realidade do local para onde iremos levar as oficinas.

O que deixa lembranças é a interação entre a nossa equipe do UFRJMar com uma parcela da população brasileira que, em função do nosso fazer, nos recebe muito bem. Essa é a motivação da nossa equipe, é o que faz acontecer a interação dos vários segmentos das unidades que trabalham no UFRJMar.

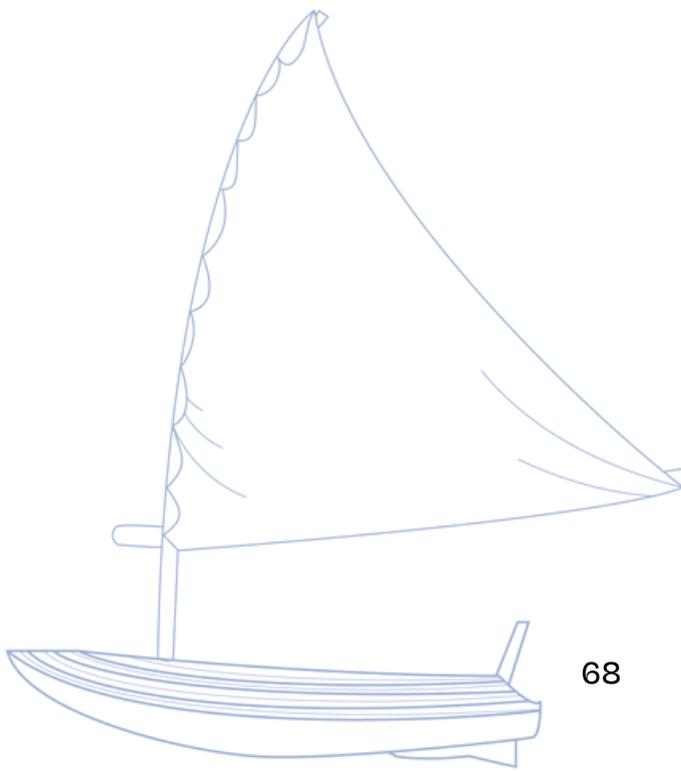
Em relação à modalidade da vela, quando unimos a engenharia naval e oceânica com a educação física, começamos no Polo Náutico e, depois, seguimos para o Hangar, uma conquista do professor Fernando Amorim. A partir daí, a vela passou a ter condições de se estruturar.

Então, precisamos desenvolver outras modalidades náuticas, como a canoa polinésia, que tem crescido muito. É fundamental retomar a parceria com a engenharia naval para viabilizar a construção das canoas e, assim, ampliar as opções além da vela. A vela, por sua própria complexidade, acaba limitando o acesso, enquanto outras modalidades po-

deriam tornar a prática mais acessível.

Nosso objetivo é justamente fortalecer essa aproximação com a engenharia naval e oceânica, para oferecer, além da vela, outras possibilidades dentro dos esportes náuticos.

A mensagem que deixo é: sempre acredite que é possível fazer melhor. O ambiente acadêmico universitário é um ambiente muito propenso às novas ideias, à criação de novos paradigmas. Há um detalhe que é muito importante, que é muito gratificante: o ser humano e sua forma de interagir, seja individualmente, seja em grupo. Eu costumo chamar isso de 'professores e professoras de informação'.





UFRJMar: vivências e aprendizados na prática

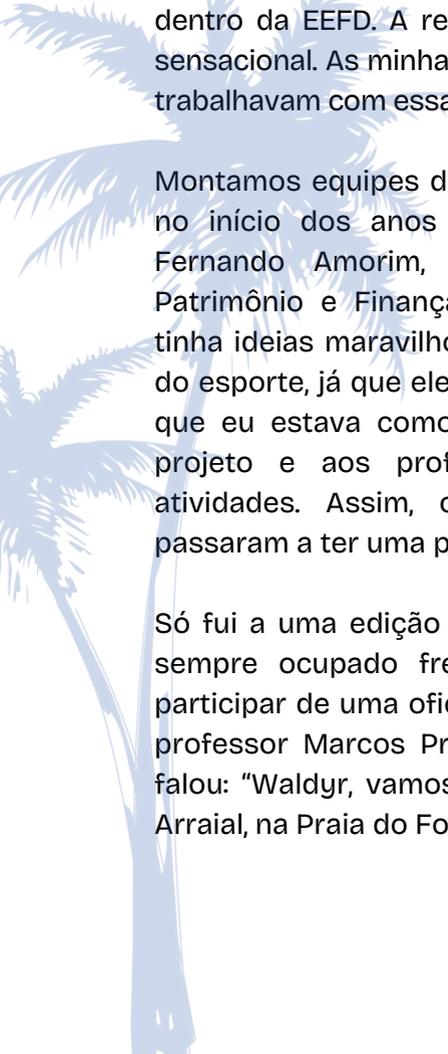
Waldyr Mendes Ramos

Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ

Fui professor na Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) do polo aquático. Quando ainda era aluno, era atleta no Botafogo e ajudava o professor na faculdade a ensinar, já que ele mesmo nunca tinha jogado polo aquático na vida. Durante as aulas, a gente não estava aprendendo a ensinar, então por sorte eu e outros dois alunos-atletas ajudamos o professor. Fiz a mesma coisa no Flamengo e no Tijuca, ajudando na estrutura das escolinhas.

Acabei abraçando a carreira acadêmica e administrativa, sendo diretor da EEFD quatro vezes. Fui Superintendente-Geral de Ensino, e tive também atuação na Extensão, com o Projeto “É na Água que se Aprende”.

Nesse projeto, a gente trabalhava com todas as crianças da Vila Residencial, localizada no campus Cidade Universitária, divididas em duas turmas de manhã e tarde. Além disso, abri uma turma para os pais, chegando a ter dois bolsistas, e quando comecei a fazer contato com o pessoal da Faculdade de Odontologia



e da Escola de Enfermagem Anna Nery para dar aula sobre noções de higiene dental e higiene, expandi a ajuda para as crianças. Foi muito interessante porque a EEFD não tinha projeto de Extensão voltado para a população carente, então foi uma revolução na escola. Começamos com o “Clube Escolar”, que foi implantado por um ex-aluno nosso. Eu como diretor na época dei todo o apoio, antes mesmo de ser assinado o convênio com a Prefeitura do Rio. Autorizei o início do projeto na sede campestre, onde ficava um galpão. Depois do convênio assinado, a equipe da Prefeitura do Rio veio para dentro da EEFD. A resistência foi grande, mas o projeto foi sensacional. As minhas turmas de natação e de polo aquático trabalhavam com essas crianças.

Montamos equipes de polo aquático com essas crianças e, no início dos anos 2000, começou o projeto UFRJMar. Fernando Amorim, que na época era Pró-Reitor de Patrimônio e Finanças, lançou a ideia desse projeto. Ele tinha ideias maravilhosas do ponto de vista da educação e do esporte, já que ele também foi atleta. E, nos períodos em que eu estava como diretor da EEFD, dei todo apoio ao projeto e aos professores, que foram abraçando as atividades. Assim, os projetos de Extensão da EEFD passaram a ter uma participação muito grande na UFRJMar.

Só fui a uma edição do UFRJMar, em 2005, porque estava sempre ocupado frente à direção da EEFD. Cheguei a participar de uma oficina de vela em Arraial do Cabo com o professor Marcos Primo. Além disso, o Fernando Amorim falou: “Waldyr, vamos organizar um torneio de polo lá em Arraial, na Praia do Forno?”. O Fernando construiu uma plata-

forma e eu tratei de organizar o regulamento, de convidar equipes, então acho que foi uma das primeiras iniciativas do Polo Aquático no Mar, em Arraial do Cabo.

Nem todo mundo na EEFD tinha interesse em participar dos projetos de Extensão e do mar... Não era voltado pra essa coisa costeira. Mas o UFRJMar é um projeto sensacional. Se gastava muito dinheiro com isso também. Era uma trabalhadeira para o Fernando conseguir os recursos para levar os equipamentos, o material, as pessoas se hospedarem e ficarem lá. Mas o projeto é importante porque a sociedade conhece muito pouco do que a Universidade faz. Então isso é um ponto muito positivo. Levar a universidade para que a sociedade conheça o que a gente faz, né. E principalmente em cidades que não têm cursos universitários.

Outro aspecto positivo é que algumas oficinas eram oficinas instrumentalizadoras. Uma oficina de construção de barco, por exemplo, permite que o pessoal da região troque ideia com os pescadores, aqueles que constroem as canoas. Trocar ideia com os engenheiros navais e ver inserções, analisar o que pode melhorar para cada um. Tanto os engenheiros conhecerem da prática, da vivência prática daqueles homens, como também os pescadores poderem aprender como a ciência pode ajudá-los. Eu acho que isso é fundamental. E eu acho também que, para os nossos estudantes, professores e funcionários, é um aprendizado muito grande já que envolve organização de um evento fora do ambiente universitário, fora de um ambiente controlado. É um evento sujeito a chuvas e trovoadas. E isso faz parte

da vida. Essas experiências que o UFRJMar inseriu do contato com o mar, das atividades na beira da praia, de uma certa forma ajuda as pessoas a olharem para aquele ambiente de forma diferente. E que pode ser um ambiente utilizado em projetos sociais, em projetos pessoais, como no sentido de empreender.

Sinto que a Universidade tem que estar mais aberta a inovações, como o UFRJMar foi. Esse tipo de evento foi uma continuidade do que é o viver universitário. Uma ampliação de forma mais intensa de você conviver durante um período do ano num ambiente diferente, mas com colegas de outros Centros, de outras Unidades. Isso fortalece a união entre diferentes pares, diferentes pessoas que atuam em diferentes áreas. Isso é uma troca de saberes que vai ocorrendo na hora do intervalo, na hora do lanche, à noite, quando sai para um evento... Isso ajuda a quebrar um pouco essa separação tão grande que existe entre nós. A UFRJ é muito grande, muito espalhada, então é uma dificuldade muito grande integrar como o UFRJMar e o Nides fazem. E um projeto como esse serve de referência para outras iniciativas.



UFRJMar: a contribuição do projeto para minha formação

Rodrigo Magalhães Vieira

Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ

Meu primeiro contato com o UFRJMar foi por meio da Companhia Folclórica da UFRJ. Entrei na Companhia em 2004 e, no ano seguinte, participamos do evento. Acredito que era a terceira edição do UFRJMar, se não me engano. Na ocasião, fiz parte de uma apresentação voltada para o aspecto artístico e cultural. Foi então que percebi o movimento das oficinas, algo que a Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) ainda não integrava.

Fomos cerca de seis integrantes da Companhia, todos alunos. Organizamos nossa oficina com apresentações de vinte minutos, seguidas de intervenções com os grupos da plateia.

Paralelamente à atuação na Companhia, comecei a me envolver com o projeto que viria a se tornar o ComuniDança. Iniciado em 2005, ainda sem nome, era apenas uma oficina de dança na EEFD. Aos poucos, o projeto foi ganhando força, e em 2006 passou a se chamar ComuniDança, com a proposta inicial de ser um projeto pago. Essa ideia, no entanto, não prospe-

rou. O projeto então se tornou uma iniciativa coordenada por nós, os próprios alunos. Em 2007, já contava com uma equipe ao meu lado.

Foi com o ComuniDança que comecei a frequentar o projeto de extensão. Conheci o pessoal do UFRJMar e manifestei meu desejo de levar o ComuniDança também como um projeto artístico, com apresentações. Participamos de duas edições assim. Em 2008, comecei a dar aula no Centro de Tecnologia (CT) e deixei o ComuniDança, passando a levar meu novo grupo de dança para o evento.

Os experimentos que mais me marcaram, sem dúvida, foram os primeiros. Especialmente o da Companhia, pois como não era oficina, havia menos exigência física e mais tempo livre. Era tudo muito novo, e nós éramos jovens. Acordávamos cedo, o ritmo era intenso, mas o entusiasmo superava o cansaço.

A partir da segunda participação, com oficinas, o desafio aumentou. Era preciso pensar em como trabalhar o folclore com as crianças, em um ambiente repleto de outras atrações. Tínhamos um espaço restrito e apenas nossos corpos como ferramenta de comunicação. Isso tornava tudo mais difícil, mas também mais enriquecedor para minha formação.

Particpei do UFRJMar até uma das últimas edições, em 2013, quando fui representando o projeto Desafio Solar Brasil. Levava uma cama elástica para as pessoas dançarem, organizava atividades com música ao vivo, como forró.

Nessa época, o evento já estava bem menor e a EEFD já não participava mais. Mesmo assim, a dança e a música ainda causavam grande impacto, e o público abraçava as oficinas com entusiasmo.

Cada participação no UFRJMar representava um novo desafio. A primeira, com a Companhia, foi mais tranquila por já estarmos habituados ao palco. Já com as oficinas, o desafio era enorme – capturar a atenção das crianças com pouco mais que a presença dos nossos corpos em cena. Outro grande desafio surgiu quando passei a ser responsável pelo grupo do ComuniDança, criando coreografias e orientando jovens. Deixei de ser apenas dançarino para assumir o papel de coordenador.

Muitos Trabalhos de Conclusão de Curso foram desenvolvidos com base nas experiências vividas no UFRJMar – tanto nas oficinas quanto nos congressos. Eu mesmo participei de congressos em que levamos o folclore a partir do ComuniDança, sempre em diálogo com as vivências do UFRJMar.

Hoje continuo pesquisando cultura popular dentro da educação, com foco no folclore nas escolas, propondo uma abordagem crítica à forma como esse tema costuma ser tratado. Em geral, ele é reduzido a datas comemorativas ou ao ensino de lendas. Com base em minhas vivências em escolas, proponho uma abordagem mais rica, fundamentada no multiculturalismo e na valorização da diversidade cultural.

Para o futuro, espero que haja um olhar mais atento à arte, à cultura e aos projetos que deixam legado. O UFRJMar teve esse papel, contribuindo inclusive com a formação técnica e profissionalizante de estudantes do ensino médio. Desejo que volte a ter a força e relevância que já teve.

Minha mensagem é de total gratidão pela oportunidade de ter vivido essas experiências. A Companhia Folclórica, os projetos dos quais participei e o próprio UFRJMar contribuíram profundamente para a minha formação e para a pessoa que sou hoje.



Ciência e tecnologia de alimentos no UFRJMar

Ana Lúcia Vendramini
Escola de Qímica da UFRJ e Nides



A extensão é uma consequência do ensino e da pesquisa realizada por professores e alunos atentos e dedicados. É na universidade que nascem a maioria das inovações. O aprimoramento de técnicas e tecnologias, que contribuem com o desenvolvimento do país muito além das questões socioeconômicas, em função da formulação do pensamento profundo e crítico, é capaz de abrir perspectivas científicas, humanas e culturais, que se materializam nas transformações sociais através da extensão.



Iniciei minhas atividades na UFRJ na função de Professora Adjunta I no curso de Engenharia de Alimentos da Escola de Qímica em 2005 e conheci as atividades de extensão em 2007, através do grupo SOLTEC (Núcleo de Solidariedade Técnica – UFRJ). Foi então que tive a oportunidade de participar do Projeto PAPESCA (Pesquisa-ação na cadeia produtiva da pesca), observando as atividades desenvolvidas pelos pescadores artesanais, responsáveis pela captura da maior parte do pescado comercializado no país.



Um novo horizonte me foi aberto, com um mar de aprendizados através das trocas de saberes entre o conhecimento acadêmico e os(as) pescadores(as) tradicionais, que apesar de apresentarem baixos índices de desenvolvimento socioeconômico da cadeia produtiva pesqueira, detêm um conhecimento profundo sobre as técnicas da pesca, do beneficiamento e do ambiente marinho.

Motivada pela demanda de disseminação das tecnologias de beneficiamento de pescado para esse grupo assolado por problemas de diferentes ordens sociais e que demandam de treinamentos no beneficiamento de pescado, encontrei na técnica de produção de surimi a inovação necessária para atender as exigências técnicas de obtenção de um alimento seguro para o consumo, que contribua com a segurança alimentar e com uma cadeia produtiva sustentável para o desenvolvimento de produtos junto a este grupo populacional.

Criamos o Núcleo de Pesquisa em Ciência e Tecnologia de Alimentos (NPCTA) no Laboratório de Tecnologia de Alimentos da Escola de Química e durante os primeiros 10 anos de nossa participação no UFRJMar organizamos oficinas de divulgação da técnica de produção de surimi e coprodutos da pesca. O surimi é um concentrado proteico de peixe, usado para enriquecer nutricionalmente receitas de produtos doces e salgados. Com a participação de alunos da graduação e pós-graduação, unindo a pesquisa e a extensão, marcamos presença anual nas oficinas do UFRJMar com receitas de surimi em quindim, pão de queijo

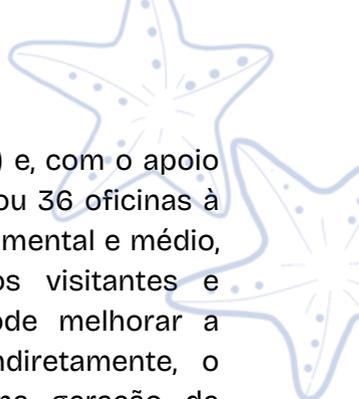
(snack), pamonha, massa de macarrão sem glúten e quibe, disponibilizando cartilhas didáticas do modo de fazer que estão disponíveis em vídeos no YouTube.

Em 2015 fomos motivados por integrantes da Associação dos Algicultores de Paraty a estudar o cultivo da macroalga *Kappaphycus alvarezii* e desenvolver produtos sustentáveis à base da algas. Assim, migramos os nossos estudos de surimi para a algicultura.

A convivência com algicultores motivou os alunos a ofertarem diversas oficinas no UFRJMar, como a “Alga mais pra você!” (Paraty, 2017), e várias outras oficinas de gastronomia nos eventos seguintes, sendo desenvolvido o gel da alga e receitas de mousses, geleias, patês, sorvete, bebidas, maionese e risoto.

Em 2021, o UFRJMar Virtual mostrou resiliência aos obstáculos ocasionados na pandemia e, no formato de vídeo-aulas ao vivo no YouTube, realizamos a oficina “Alga pra comer!” (<https://www.youtube.com/watch?AdIhevB9LiQ&t=79s>) apresentando as etapas do preparo de uma sobremesa de mousse de algas com castanhas e morango, demonstrando a capacidade de geleificação da alga e sua ampla possibilidade de aplicação na gastronomia. As equipes de trabalho com a alga continuaram a fazer parte do UFRJMar nos anos de 2022 e 2023 ocupando o laboratório do Colégio CEMBRA, localizado no centro de Paraty.

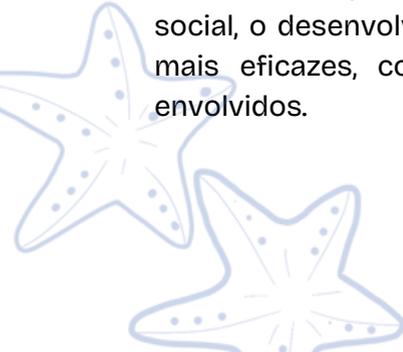
Em 2003 o projeto UFRJMar passou a integrar o Programa



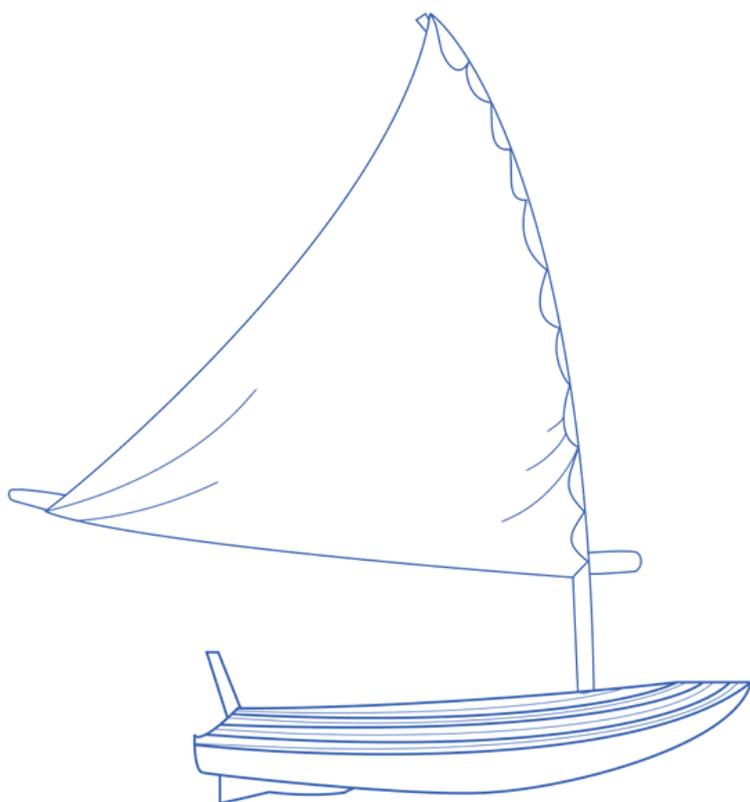
Tecnologia Social e Ciências do Mar (TSCM) e, com o apoio de Prefeitura de Paraty e o MCTI, apresentou 36 oficinas à comunidade, para os níveis do ensino fundamental e médio, aproximando a ciência da realidade dos visitantes e demonstrando como o conhecimento pode melhorar a qualidade de vida das comunidades. Indiretamente, o UFRJMar faz parte da economia local na geração de emprego e renda, uma vez que muitos jovens que atuam no audiovisual de Paraty foram estimulados pelas oficinas do projeto e, de maneira semelhante, o cultivo da macroalga em Paraty iniciou o desenvolvimento de uma nova cadeia produtiva de negócio baseada na economia do mar, gerando novos negócios e contribuindo para o aumento do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) na cidade.

Importância da interiorização dos saberes para a região e para a vivência dos alunos da UFRJ

Não raro as cidades do interior do estado RJ se encontram distantes do mundo universitário e da percepção da importância do ensino e do conhecimento através do desenvolvimento da pesquisa básica e aplicada. Eventos de extensão mostram um pouco da energia deste universo jovem e pulsante dos estudantes. O UFRJMar é um espaço onde o conhecimento acadêmico se encontra com o conhecimento popular, permitindo uma conexão direta, contribuindo para o enriquecimento pessoal, a inclusão social, o desenvolvimento humano e promovendo soluções mais eficazes, com melhora na qualidade de vida dos envolvidos.



Para os alunos da UFRJ é uma oportunidade de perceber outras formas de se relacionar com o mundo, abrindo seus horizontes e promovendo seu engajamento de forma mais ampla e consciente na sociedade. Fortalece suas habilidades práticas e os prepara para a vida profissional, valorizando o incremento de tecnologias por meio de ações participativas e multidisciplinares, que contribuem para o desenvolvimento social e para a elaboração de políticas públicas que beneficiem a sociedade.



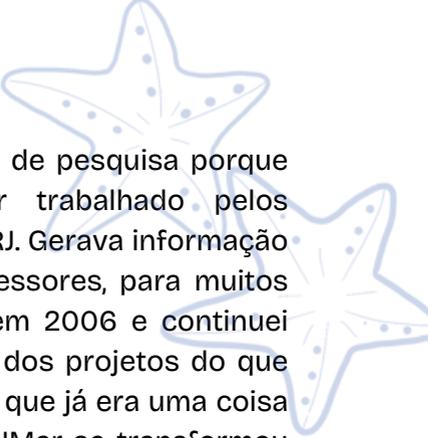
Festival UFRJMar: a UFRJ fora dos campi

Marcella Freire Ventin

Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ

Na primeira vez que participei do UFRJMar, em 2004, eu era aluna de graduação e fui como oficinaira, que eram os monitores das oficinas. Nessa época eu participava de um grupo chamado Corporeidade. Hoje em dia esse grupo ainda existe, mas ele mudou de nome, ele é o atual Faz e Acontece, projeto da professora Ana Lúcia Coelho, da Escola de Educação Física e Desportos (EEFD). Desde então, fui todos os anos, até 2016, e só retornei após a pandemia, em 2022.

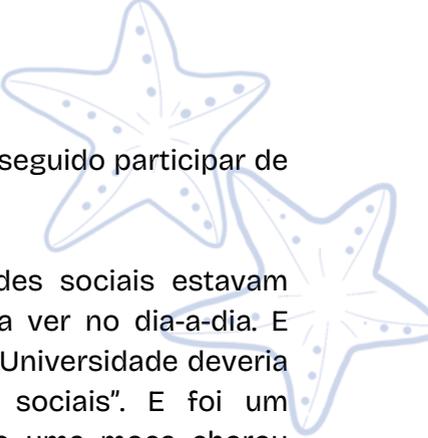
Nessa mesma época eu virei bolsista de extensão da EEFD, e a extensão começou a assumir um papel principal na minha formação. Eu comecei minha pesquisa — que na verdade vinha para alicerçar o meu trabalho na extensão — e tinha a liberdade para pesquisar o que fazia sentido para a demanda dos projetos de extensão que estávamos desenvolvendo. Então o estudo não é artificial. Primeiro, você entende qual é a demanda social que você quer suprir, para depois levar pra dentro da universidade de novo e transformar aquilo em pesquisa, para dar respostas para aquilo que você quer trabalhar.



O UFRJMar abriu várias oportunidades de pesquisa porque fornecia muito conteúdo para ser trabalhado pelos diferentes projetos de extensão da UFRJ. Gerava informação para muitos cursos, para muitos professores, para muitos projetos de pesquisa. Eu me formei em 2006 e continuei como bolsista na universidade dentro dos projetos do que na época se chamava Núcleo UFRJMar, que já era uma coisa maior do que o festival. O Núcleo UFRJMar se transformou em um programa e o festival era um dos projetos coordenados pelo núcleo.

Então, mais uma vez, a extensão cria um outro tripé: Escolas Pescadores, Tecnaval, Instituto Politécnico. A demanda criada pela extensão foi criando motivação para o ensino. Então, os tripés dentro do Núcleo UFRJMar sempre foram muito claros, muito nítidos e eles se retroalimentam o tempo todo. O Núcleo UFRJMar foi se expandindo, se expandindo até virar uma coisa maior. Hoje, ele é o que gerou o Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (Nides), que agora já é um órgão suplementar do CT.

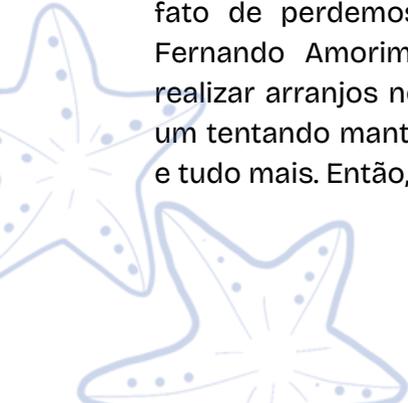
Um momento marcante para mim foi quando percebi que, com 19 anos, ainda estava tentando entender qual é o papel do professor, e ao mesmo tempo começando a perceber qual é o papel da interdisciplinaridade na educação. Foram então muitas descobertas nas minhas primeiras participações no festival. O primeiro foi o de Búzios. Eu acho que levei um choque de realidade em 2006, na edição do festival em Cabo Frio. Pelo tamanho do evento você se dá conta que você está participando de algo que é muito surpreendente dentro da universidade pública.



Hoje eu tenho a consciência de ter conseguido participar de um momento muito especial da UFRJ.

Eu pude perceber que as necessidades sociais estavam muito além do que a gente conseguia ver no dia-a-dia. E também desenvolver a questão “que a Universidade deveria servir para responder a demandas sociais”. E foi um momento marcante para mim quando uma moça chorou participando da oficina. Tinham crianças que iam todos os dias e ficavam fascinadas, que esperavam o ano todo pelo evento. Então, a UFRJMar era muito fascinante para as crianças e era um evento que parava a cidade. Todas essas coisas foram marcantes e me permitiram crescer como profissional ao lado do projeto da UFRJ. Eu era estudante de graduação, novinha, e fui me tornar professora dentro dos festivais. Esse foi o meu maior desafio enquantoicineira: aprender a dar aula lidando com mais de 30 crianças ao mesmo tempo.

Nas outras edições, o desafio foi impulsionar a integração de alunos do Ensino Médio e do Fundamental com osicineiros, além dos próprios graduandos. Mas é incrível também o poder pedagógico que isso tem, porque para eles se prepararem para isso eles aprendem muito.



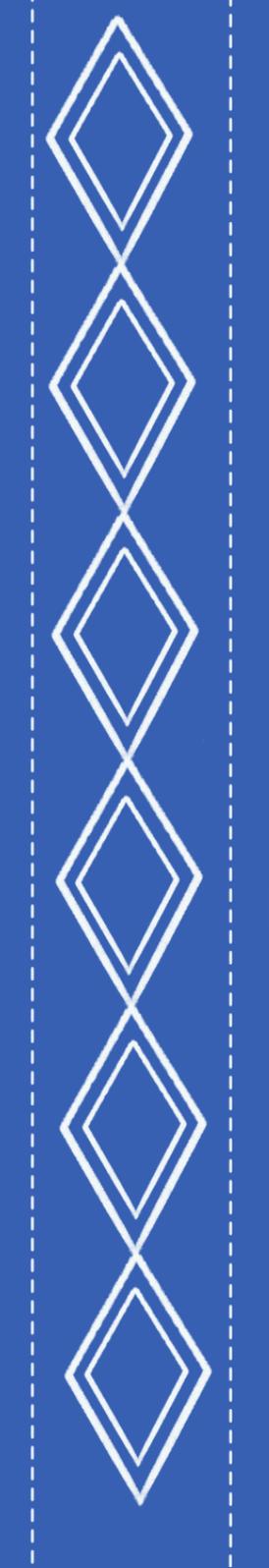
A diferença para o festival atualmente também se deve ao fato de perdemos o principal coordenador, o professor Fernando Amorim, e isto fez com que tivéssemos que realizar arranjos no projeto. Os professores parceiros, cada um tentando manter um programa, um projeto do Fernando e tudo mais. Então, hoje, a diferença é de tamanho e propos-

ta. O que a gente consegue fazer hoje no UFRJMar é uma coisa infinitamente mais modesta do que o festival já foi, a cidade parava para ir ao festival.

Para mim, desde os 19 anos, eu consigo ver materialidade naquilo que eu produzo, a função social. Ver qual é a minha contribuição diária para outras pessoas, para uma comunidade, para um espaço. E isso faz muito mais sentido para mim, faz com que o trabalho não seja meramente um emprego, seja uma motivação por si só e acho que isso é o maior legado do UFRJMar na minha vida. E como eu ainda continuo participando do UFRJMAR, vejo os desafios existentes para fazer divulgação científica do trabalho da extensão e da universidade.

Um dos objetivos e contribuições do UFRJMar é expandir o conhecimento científico para além da academia. A extensão é esse lugar da divulgação científica para fora, para fora do aconchego acadêmico, digamos assim. Isso tira o pesquisador da zona de conforto e isso é importante. Porque, vai chegar lá e o cidadão vai perguntar, mas para que isso serve na realidade? E quando recebe essa pergunta, o professor volta para a universidade com essa pulga atrás da orelha, afinal, qual é o papel social daquilo que ele está pesquisando? Então, a divulgação científica tem que ser para além das atividades acadêmicas e científicas mesmo. Tem que divulgar ciência para a população comum, para fora da universidade.

São muitos e muitos professores que possuem uma prática pedagógica muito diferenciada por terem tido a oportunidade de participar do UFRJMar. Atualmente eu tenho muitos projetos em parceria com professores da UFRJ, participo às vezes em alguns editais também com professores da UFRJ e com professores de diferentes áreas, por conta do núcleo ser interdisciplinar. Então, a minha vivência na época que eu estava ligada à universidade, tem relação com múltiplos centros dentro da universidade.



Entre Saberes e Marés: Minha trajetória no UFRJMar e a construção da Identidade Docente

Juan Kayki Pinto Fortunato

Estudante de Graduação da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ

Provavelmente produzir este texto para o livro seja um dos maiores desafios que já encontrei na minha trajetória acadêmica. Não pela complexidade, mas pela responsabilidade de descrever toda importância e contribuição que o UFRJMar proporciona para a minha formação docente, para a minha perspectiva como graduando em uma universidade pública e para o meu entendimento como um cidadão oriundo de uma comunidade no Rio de Janeiro. São, portanto, quatro anos de muitas vivências e aprendizados.

Estaria mentindo se eu dissesse que não sou privilegiado em ter participado, em diferentes âmbitos, do Projeto durante estes quatro anos. Quando houve, em 2023, o desabamento da Escola de Educação Física e Desportos, prédio do meu curso, e as aulas “pararam” por mais de sete meses, o UFRJMar virou a minha casa e foi o que me motivou a continuar minha graduação. Entendendo a relação entre a Universidade, a

sociedade e seus saberes, pude contribuir para a realização de atividades do Projeto e me aventurar mais no oceano que é a Extensão Universitária e seus desdobramentos.

Minha trajetória na Licenciatura é permeada por múltiplas experiências que ajudaram a moldar minha identidade como futuro educador. Dentre elas, o Projeto UFRJMar ocupa um lugar fundamental, não apenas pela qualidade acadêmica de suas ações, mas também pelo compromisso com a inclusão e com a valorização dos saberes populares. Minha história com o Projeto começa em 2022, no meu primeiro período de graduação em Licenciatura em Educação Física. Mesmo não sabendo ao certo o que era a docência, fui convidado a participar da Oficina de Atletismo, em Paraty, para proporcionar vivências da modalidade às crianças e jovens da região. Ter participado de todo o planejamento e confecção das atividades e dos materiais que utilizamos na Oficina já me fizeram ter um sentimento muito especial pelo trabalho que estávamos desenvolvendo, além de poder ensinar e ofertar àquela comunidade formada por diferentes locais, culturas e até línguas, um pouco da modalidade que praticamos e pesquisamos. Em troca, receber um brilho nos olhos e um sorriso de gratidão de volta, não teve preço!

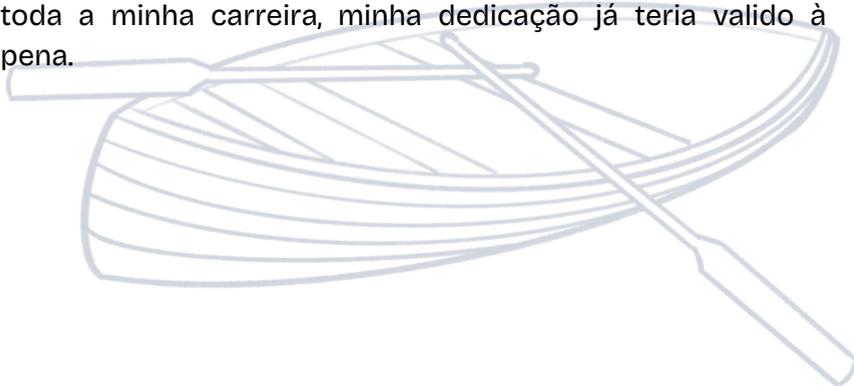
Ter o Projeto UFRJMar como primeiro contato com a prática docente, mesmo estando no início da minha formação licencianda, foi um privilégio de experiência única e com grande importância que deveria ser ofertada à todos, tendo em vista que ocorre uma troca de saberes entre nós, acadêmicos, e a população, que carrega consigo os saberes

tradicionais e populares. Isso faz com que a educação formal, muito encontrada nas escolas, onde o professor e/ou a universidade são detentores máximos dos saberes acadêmicos/científicos e os alunos são pessoas vazias que servem de depósito de todo conhecimento, dê espaço para a educação dialógica e não formal, onde os alunos são pessoas com trajetórias, histórias e vivências a serem compartilhadas e o professor serve como mediador daquela conversa, como uma pessoa disposta a aprender novas perspectivas. Isso contribui muito para uma formação docente onde o professor não apenas ensina a sua matéria, mas também se vê na perspectiva de um agente transformador, com o papel de formar cidadãos conscientes e completos. O UFRJMar me proporcionou reflexões profundas sobre o papel do professor como agente de transformação social. A partir do contato direto com comunidades costeiras e com outros estudantes e professores engajados no Projeto, compreendi que ensinar não é apenas transmitir conhecimento, mas sim provocar o pensamento crítico, estimular o pertencimento e inspirar a ação coletiva.

Ao atuar em atividades educativas promovidas pelo UFRJMar, aprendi a valorizar a escuta, a mediação de conflitos, a empatia e a construção conjunta do conhecimento. Essas são competências fundamentais para um professor que deseja atuar com responsabilidade social, especialmente em escolas públicas situadas em regiões periféricas, onde os desafios educacionais são agravados por questões socioeconômicas, raciais e ambientais. Sendo extensionista do Projeto, aprendi como os saberes podem

ser trabalhados de forma interdisciplinar, abordando assuntos por diferentes perspectivas educacionais e integrando as áreas de conhecimento.

Vivi muitos momentos felizes e marcantes participando ao longo de quatro anos no Projeto. Memórias que sempre estarão comigo. Mas teve uma em particular, que não aconteceu comigo, mas que para mim é a mais importante: Em 2024, na Escola Monsenhor Hélio Pires, um extensionista me relatou uma conversa que tinha acabado de acontecer. Ele estava conversando com um aluno que estava voltando para a sua casa na Ilha do Araújo, e esse aluno disse à ele que o seu sonho era ser um contador financeiro (ou profissão do tipo). Só que quando o extensionista recomendou ele à estudar muito e escrever uma redação para treinar e entregar para o seu professor/a de Português corrigi-la, o aluno o disse que na escola dele não havia docente desta matéria há meses. Bom, depois de ter escutado essa conversa e a viagem ter terminado, cheguei em minha casa e fui direto para o meu quarto e comecei a chorar. Muito pelo sentimento de “dever cumprido”, mas também por uma sensação de impotência de não poder ter ajudado este aluno. Foi ali, naquele momento, que eu entendi que, como professor, o meu dever era incentivar crianças e jovens a conquistarem seus sonhos, e que, se eu conseguisse transformar a vida de apenas uma criança em toda a minha carreira, minha dedicação já teria valido à pena.



Da Universidade ao Mar: Extensão, Educação e Sociedade na minha formação acadêmica

Mesmo tendo o direito ao acesso no Ensino Superior assegurado por lei, sabemos que isso não reflete a grande realidade em nosso País. Crianças e jovens não têm interesse (e nem a oportunidade) de ingressar em uma IES e não sabem a importância da universidade para a sociedade. Fazer parte do UFRJMar me fez entender ainda mais que nós, graduandos, e todo o corpo acadêmico somos, de certo modo, privilegiados por poder frequentar a Universidade, e que é nosso dever devolver de alguma maneira todo esse investimento que a sociedade nos faz. Sempre fiz questão de estar envolvido em algum projeto ou atividade que me proporcionasse a oportunidade de estar ali contribuindo para com a população, e dentre todos os que participei, o que mais me marcou foi o UFRJMar. No UFRJMar, a extensão é pensada como prática emancipadora, que não apenas leva o conhecimento à comunidade, mas também aprende com ela, reformulando constantemente suas práticas e concepções, esse é o encontro da Universidade com a sociedade.

Além do impacto direto nas comunidades, o projeto também desempenha um papel crucial na formação de estudantes universitários. Ao participarem do UFRJMar, os estudantes têm a oportunidade de vivenciar na prática os desafios e as potências da educação popular, da educação ambiental crítica e do trabalho interdisciplinar. Essas experiências contribuem para a formação de profissionais mais sensíveis às realidades sociais, mais comprometidos com a transfor-

mação social e mais conscientes de seu papel como cidadãos. Projetos como o UFRJMar reafirmam que a universidade pública deve estar a serviço do povo, dialogando com suas necessidades, respeitando seus saberes e atuando para a construção de uma sociedade mais justa, plural e sustentável.

Como fui criado em uma comunidade perto de uma universidade, desde pequeno tive contato e participei de projetos parecidos com o UFRJMar, por isso entendo a importância de projetos como este para quem vem da periferia ou de comunidades afastadas. Além disso, o UFRJMar me ensinou a olhar para minha comunidade com outros olhos: como um território de luta, de cultura, de resistência e de saber. Essa mudança de perspectiva é fundamental para minha atuação futura como professor, pois me permite enxergar os alunos não como “carentes” ou “defasados”, mas como sujeitos históricos de direitos e de possibilidades.

O Projeto UFRJMar é, sem dúvida, uma das experiências mais significativas da minha formação. Ele não apenas contribuiu para meu desenvolvimento acadêmico e profissional, como também ajudou a me constituir como cidadão consciente, atuante e orgulhoso de suas origens periféricas. Através do projeto, vi que é possível fazer ciência com o povo, para o povo e a partir do povo. Reforcei minha vocação para a docência comprometida com a transformação social e compreendi que a educação, quando pautada pela justiça, pelo diálogo e pela escuta, pode realmente mudar vidas.

Levo do UFRJMar não apenas conhecimentos, mas também afetos, redes de apoio, valores éticos e uma profunda certeza: a comunidade costeira produz potência, saber e resistência. Como futuro educador, assumo o compromisso de construir práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem essas potências, formando alunos críticos, engajados e orgulhosos de suas origens. Cabe a nós, educadores e cidadãos, garantir que essas vozes sejam ouvidas, respeitadas e valorizadas.



Olhar Territorial



“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.”

Nelson Mandela



O projeto UFRJMar despertou a juventude local para a importância da educação

Juliano Carrupt do Nascimento
Diretor Colégio Estadual Engenheiro Mário Moura
Brasil do Amaral (CEMBRA)

O Projeto UFRJMar expande o conhecimento científico e artístico a regiões do Estado do Rio de Janeiro onde o conhecimento a nível universitário ainda não chegou, como é o caso da cidade de Paraty. Com atividades que expõem, na prática, os saberes da Física, da Química, da Música, entre outras áreas, estudantes e professores da UFRJ levam a Ciência para a comunidade estudantil. Através de um ambiente animado, alegre e colorido, pessoas que não teriam a chance de conhecer, tão de perto, fórmulas e teorias científicas, experimentam a vivência do meio acadêmico a partir de brincadeiras, palestras, apresentações lúdicas, filmes.

Oficinas abrangem desde o desenvolvimento da agricultura até aulas de violão que acontecem dentro do Colégio Estadual Engenheiro Mário Moura Brasil do Amaral, popularmente conhecido como CEMBRA e seus arredores, tais



quais em lugares turísticos como a Praça da Igreja de Santa Rita ou a Praia do Pontal. A cidade de Paraty passa a ser o cenário dos eventos produzidos e realizados por alunos e professores de mais de 30 Cursos de Graduação e Pós-Graduação, envolvendo os alunos do Colégio Estadual, da rede Municipal, nativos, moradores e até turistas, atraídos pelo espetáculo que quebra a rotina dos espaços, por neles inserir a vocação científica.

O estímulo para que alunos da rede Estadual e Municipal de Educação se interessem pelas atividades acontece com exposições empolgantes que tornam o conhecimento útil para o dia a dia, como no ano de 2013, quando foi realizado o Curso de Extensão “Beneficiamento de Pescado e Extração da Carragena”, coordenado pela pesquisadora Ana Lúcia Vendramini, no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), situado no bairro Ilha das Cobras, atualmente um dos mais violentos da cidade. Não apenas para os estudantes, mas para a população em geral, o projeto UFRJMar exerce a função de cidadania, ao apresentar aspectos da vida que enriquecem a realidade de população tão desamparada pelos poderes políticos.

Dentro do CEMBRA, Colégio base das oficinas do projeto UFRJMar, o impacto nos alunos é imensurável, uma vez que eles se divertem com “a bola que flutua na água com gente dentro”, com “o jogo de amarelinha cujas casas trazem números e nomenclaturas científicas”, ou com “os filmes que mostram a realidade de outras costeiras”. Sem falar do contato com a instituição UFRJ, que para a população de Pa-



ratay parece ser distantnte pois, infelizmente, são poucas as famílias que pensam em formação intelectual, para além do Ensino Médio. O mundo universitário e suas pesquisas acadêmicas estão muito longe da mentalidade do habitante paratyense. Dentro desse quadro político e cultural, a contribuição de professores e alunos de cursos de Graduação e Pós-Graduação é de extrema importância para despertar na juventude local ao menos a curiosidade para aquilo que pode vir depois da Educação Básica.

A extensão universitária para dentro de comunidades onde não existem instituições federais de ensino, nem muito menos de nível superior, consiste em nobre tentativa para a interiorização das Ciências e Artes produzidas na Universidade, pois é a partir daí que um número significativo de crianças e adolescentes passam a saber que existe a UFRJ, e passam a conhecer que há ainda a possibilidade de se continuar estudando depois de terminar o Ensino Médio. O interesse pelos caminhos acadêmicos pode ser germinado com as oficinas propostas, porque é em muitos casos o primeiro contato do aluno e da aluna do colégio CEMBRA com uma instituição de nível superior, formadora de pesquisadores.

O exemplo é o maior incentivo para jovens do interior que, a partir de suas famílias, pouco ou nada conhecem sobre a possibilidade de se continuar os estudos através de instituição pública, pois muitos moradores paratyenses – na verdade a grande maioria – não consideram ingressar em cursos de graduação, e se consideram formados apenas



tendo concluído o Ensino Médio. A interiorização das atividades universitárias, ao menos em Paraty, possui sua maior importância em apresentar outro caminho para aqueles que nem sequer possuem conhecimento de que existe a instituição UFRJ. Na prática, a partir das oficinas, considerando apenas os alunos do CEMBRA, são atingidos cerca de 1.000 cidadãos e cidadãs residentes em Paraty.

Seria necessário, além dos dias que o Projeto UFRJMAR fica na cidade (geralmente por 5 dias por ano) que o mesmo fosse realizado pelo menos uma vez a cada bimestre, para que surgissem dessa convivência com a cidade futuros talentos, futuros cientistas e que houvesse acolhimento para esses jovens a partir de bolsas de estudo, com uma maior convivência acadêmica, com mais sistematização e continuidade, de modo que a UFRJ permanecesse na cidade, já que, em poucos dias, muda os ares da desesperança para a esperança de dias melhores para o habitante da cidade de Paraty, tão carente de instituição pública de nível superior.



UFRJMar: ciência, tecnologia e cultura para Paraty

Gabriela Gibrail

Secretária de Educação de Paraty

Período entre dezembro de 2019 e março de 2024

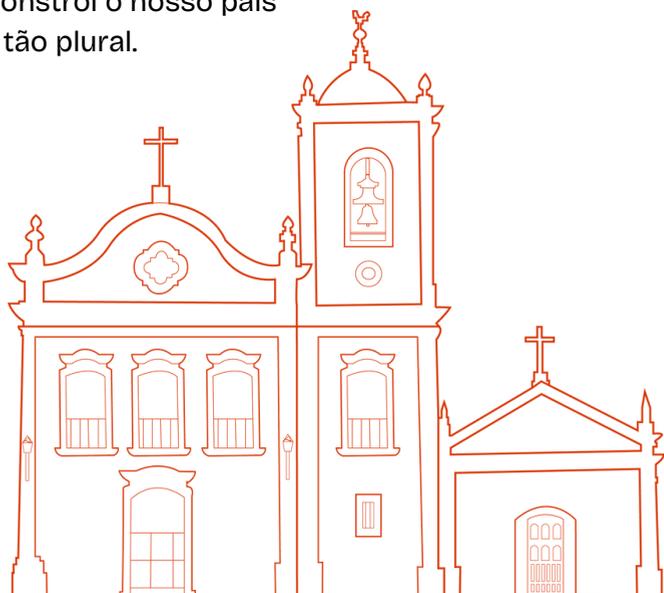
O mar une a cultura do mar à de tudo que está ao seu redor. Por isso é possível exaltar a importância do UFRJMar para as cidades litorâneas que o recebem. O projeto de extensão mais antigo da UFRJ reúne os cursos ligados ao mar em um evento de oficinas em cidades litorâneas e turísticas do estado do Rio de Janeiro. Através dele, os alunos que organizam as palestras e oficinas têm a possibilidade de se relacionar com discentes e pós-graduandos de outros cursos. O projeto também visa auxiliar as comunidades dessas cidades, que recebem estímulo de programas e ações permanentes que busquem o desenvolvimento econômico regional, unindo o ensino teórico com o conhecimento prático dos moradores locais, gerando retorno financeiro para eles.

Há 22 anos o professor de Engenharia Naval, Fernando Amorim, idealizou o UFRJ Mar e ajudou a colocá-lo em prática. O acadêmico sonhava com a interdisciplinaridade entre todos os cursos com viés marítimo, e em como eles

poderiam contribuir para a sociedade e a própria Universidade. Através do UFRJMar, os discentes também recebem a visita de alunos de colégios locais, que são apresentados às possibilidades de pesquisa e aplicação que a UFRJ pode trazer. Despertar o interesse em cursar uma universidade pública também foi uma pauta importante na concepção do projeto.

Em Paraty, o projeto também resultou em moradores se profissionalizando no audiovisual e na montagem de eventos, que preparam a cidade para recebê-lo. Como Secretária de Educação da cidade, é com muita felicidade que conto a continuidade que demos ao projeto. Mesmo durante a pandemia, o UFRJMar continuou acontecendo, de forma remota. Para um futuro próximo, esperamos ampliar para outras escolas e aumentar as conexões criadas nesse evento, que hoje já faz parte da nossa economia. O diferencial é que ele é voltado para os moradores, e não para turistas como grande parte do calendário de Paraty.

O UFRJMar é a ciência, é a tecnologia, é a cultura e é isso que realmente constrói o nosso país tão diverso, tão plural.



UFRJMar: conhecimento para transformar a vida dos alunos de Paraty

José Sérgio Barros

Secretário de Cultura de Paraty

Período entre maio de 2021 a fevereiro de 2024

Quando era mais novo e estudava no Colégio Estadual Engenheiro Mário Moura Brasil do Amaral (CEMBRA), no centro de Paraty, já era ativo nas atividades de organização que o colégio oferecia. Integrei o grupo de produção de eventos e fui chamado para coordená-lo na área de eventos externos, e o primeiro trabalho foi na Festa Literária Internacional de Paraty, na mesma época que o UFRJ Mar estava chegando na cidade, com algumas oficinas bem pontuais.

A princípio já recebi o convite para ajudar na produção do UFRJMar e do projeto Desafio Solar, que aconteceriam em dois meses consecutivos. Graças a isso, fui convocado para ajudar na implementação do espaço físico permanente da UFRJ Mar em Paraty, que começou naquele período de 2008 a 2009. Nesta época, o CEMBRA era o maior colégio de segundo segmento e era o único que tinha ainda a possibilidade de uma formação técnica, que possibilitava duas escolhas aos estudantes

da cidade: uma formação geral ou de professor. Com a chegada do UFRJMar, isso mudou e os jovens passaram a ter outras perspectivas de caminho.

O professor do curso de Engenharia Naval Fernando Amorim, conhecido carinhosamente por Fernandão, se mostrava sempre empenhado nas ações do projeto UFRJMar em Paraty. Depois, em parceria com o professor Francisco de Assis, começaram esse trabalho de iniciar algumas formações técnicas na cidade, a fim de pleitear um espaço oficial como espaço de extensão na cidade, e dentro da comunidade de maior vulnerabilidade social do município, que é a Mangueira.

Os cursos movimentaram os estudantes da cidade e conseguimos trazer o primeiro curso técnico da história de Paraty, de Construção Naval. Fizemos essa parceria com a Faculdade de Engenharia e aproveitamos a carpintaria naval em Paraty que é muito forte e tradicional; então conseguimos fazer a junção dos nossos mestres carpinteiros com os professores da academia dentro de uma sala de aula passando esse conhecimento.

O meu desenvolvimento pessoal e profissional se deu por conta do UFRJMar. Foram oportunidades que eu abracei, e despertou o meu interesse para outras formações, buscando mais conhecimento, já que sou de um bairro de vulnerabilidade social da cidade, que é a Ilha das Cobras.

Em 2013 fui chamado para ser diretor de eventos culturais na Secretaria de Cultura. Depois disso, assumi como Secretário Adjunto de Cultura sob uma perspectiva de cons-

trução de política pública cultural. Nós não tínhamos nenhum planejamento interno de cultura. Paraty é muito conhecida lá fora, como a cidade que vive e respira cultura, mas para os nossos moradores a nossa cultura não era valorizada.

Em 2020 eu assumi a pasta como secretário e nesse meio tempo na gestão passamos a construir o sonho da juventude, a construção da primeira escola técnica profissionalizante do município com base na cultura, o Centro de Formação e Economia Criativa, inaugurado este ano (2025). O nosso trabalho hoje, como Secretário de Cultura, da Prefeitura, está muito focado na formação para a transformação.





Territórios



**“Educação não transforma
o mundo, educação muda as
pessoas. Pessoas transformam
o mundo.”**

Paulo Freire



Conhecimento alinhado às práticas tradicionais das comunidades



Almir Tã

Pescador caiçara, poeta e artesão



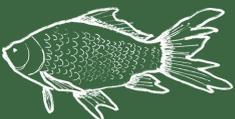
Mestre Almir Tã, referência da cultura caiçara no município de Paraty, é um dos parceiros da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mais antigo vinculado ao UFRJMar. Sua parceria completa neste ano 18 anos. Começou quando o projeto era chamado de Festa do Mar. No início, o Mestre Almir Tã participava com sua oficina de artesanatos. Após anos de parceria e trabalhos realizados com o UFRJMar, ainda lembra dos artigos escritos sobre cada edição do evento realizado.



O que mais emocionou o mestre caiçara foi lembrar-se do evento realizado na Ilha do Araújo, em Paraty, comunidade tradicional caiçara que ele nasceu e vive até hoje. O evento contou com a presença de instituições como a Marinha do Brasil, Instituto Chico Mendes – ICMBio, FUNAI, Secretaria de Cultura de Paraty, Fórum de Comunidades Tradicionais e a Aldeia Indígena Itaxi Mirim.



O evento realizado na comunidade tradicional



caíçara da Ilha do Araújo pelo UFRJMar no município de Paraty proporcionou mais visibilidade para a Universidade no município. Além de contar alguns projetos de extensão que são parceiros do UFRJMar na região.

Durante alguns anos, Almir Tã atuou como conselheiro da área ambiental Cairuçu, e sempre buscou alinhar as demandas do território (município de Paraty) e o diálogo com a UFRJ. Lembrou que após a chegada da UFRJ no local, outras universidades do Estado Rio de Janeiro começaram a investir em projetos semelhantes de pesquisa e extensão. Com isso, passou a gerar uma corrente de conhecimento que está se alinhando às práticas tradicionais das comunidades presente na região.

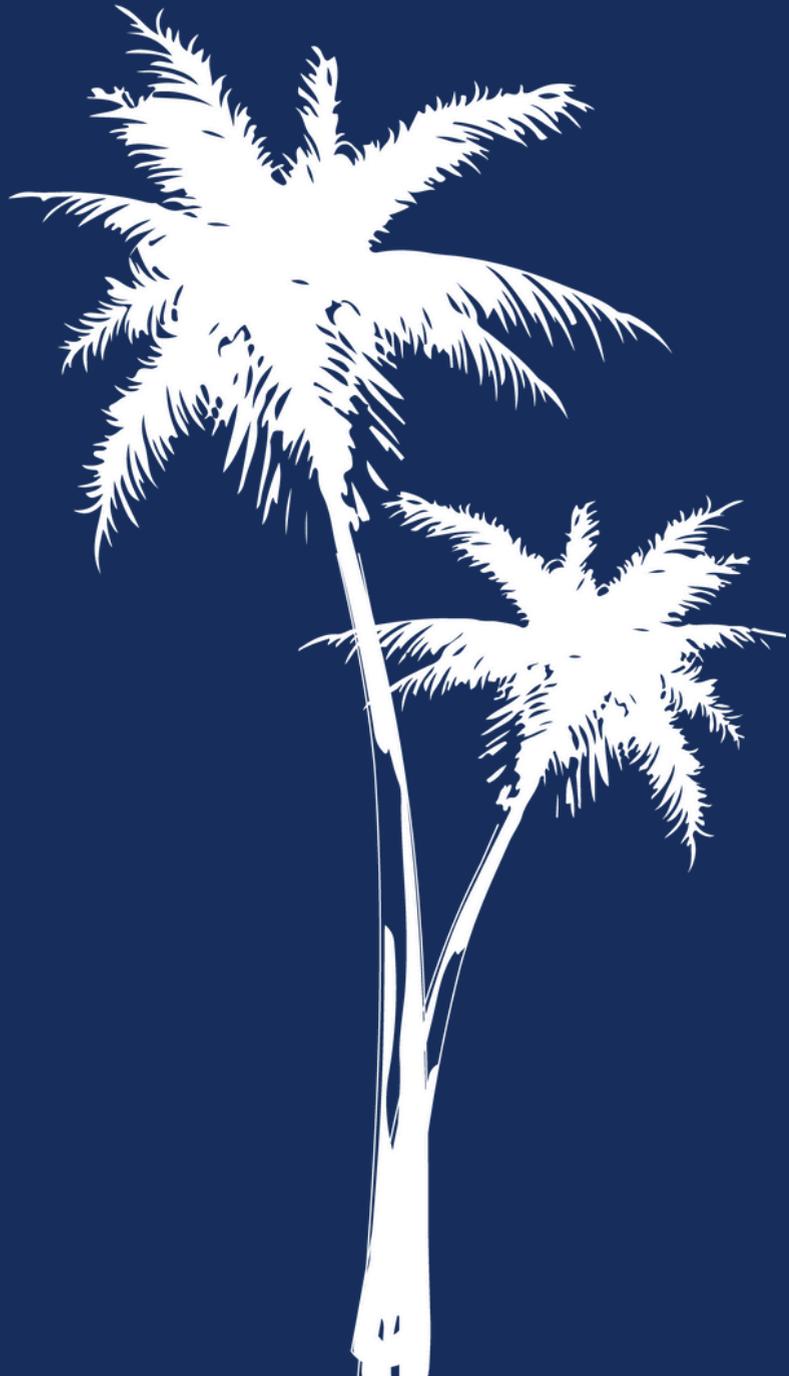
Até hoje, o mestre Almir Tã vem dialogando com pesquisadores, alunos e técnicos da UFRJ, onde desenvolve intercâmbios entre a UFRJ e a comunidade tradicional caíçara, oferecendo vivências de turismo local, rodas de conversas sobre trocas de saberes e conhecimentos acadêmicos e experiências de vivenciar seu modo de vida e suas práticas tradicionais de pesca caíçara.

Outro ponto que o mestre Almir Tã lembrou, ocorreu em 2024. Foi a realização de uma vivência maravilhosa com estudantes da Escola Estadual do Rio de Janeiro – CIEP 218 Ministro Hermes Lima / Brasil-Turquia. Na época, pela primeira vez, alunos e professores tiveram a possibilidade de conhecer como era o modo de vida dos pescadores caíçaras na ilha do Araújo, como eram os barcos de pesca e suas histórias sobre a comunidade caíçara na ilha.

Para o mestre Almir Tã, o UFRJMar sempre será um evento de ganho intelectual e também econômico. O artesão vê o UFRJMar como um movimento de transformação de Paraty. “A universidade deixou de ser apenas visitante. Ela se tornou parte da cidade”, afirma. Sua história com o projeto é um testemunho do poder do diálogo entre ciência e cultura popular, mostrando que quando há respeito mútuo, a universidade e a comunidade constroem juntas um futuro mais justo e sustentável.



Oficinas



**“Feliz aquele que
transfere o que sabe e
aprende o que ensina.”**

Cora Coralina

Conhecendo os besouros

Diego de Santana Souza Thaynara L. Pacheco
Lattes:
6300845742689859

Juan Pablo Botero Marcela L. Monné
Lattes:
4552216154711556 5384427549847721

RELATO DE VIVÊNCIA

A Entomologia é a ciência que tem por objetivo o estudo dos insetos e sua relação com os seres humanos, os outros organismos e o meio ambiente.

Com mais de 360 mil espécies de um total estimado de 800 mil a 100 milhões, os besouros representam quase metade das espécies conhecidas de insetos.

Identificáveis pelas asas anteriores endurecidas (élitros), os besouros se destacam pela variedade de habitats que ocupam, bem como por sua diversidade morfológica e funcional.

A área de estudo dedicada a essa ordem de insetos, a Coleopterologia, desempenha um papel importante dentro da Entomologia, contribuindo com informações essenciais para



a compreensão de questões relacionadas à taxonomia, evolução e ecologia dos insetos.

A oficina "Conhecendo os besouros" tem como finalidade introduzir os participantes ao mundo dos besouros, ressaltando sua incrível diversidade e importância ecológica.

Nossas atividades buscam não apenas educar sobre os aspectos fundamentais dos besouros, como seu ciclo de vida e importância para os ecossistemas, mas também inspirar uma apreciação pela vasta gama de formas, tamanhos e cores que esses insetos apresentam.

Existem 360 mil espécies de besouros

A trajetória da oficina "Conhecendo os Besouros" no projeto UFRJMar tem sido marcada pela presença em diversas edições, incluindo duas participações em 2015, realizadas na Reitoria da UFRJ e em Paraty, e participações nas edições de 2016, 2018 (Fig. 1) e 2021, ocorridas em Ilha do Araújo, Paraty e virtualmente.

A cada edição, buscamos aprimorar nossas atividades, visando tornar a experiência ainda mais enriquecedora e educativa para os participantes.

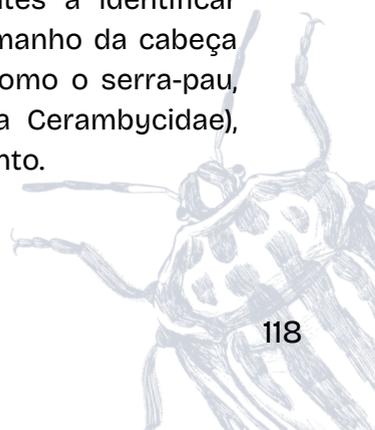
Nossas atividades abrangem uma variedade de recursos didáticos e interativos, incluindo gavetas entomológicas com exemplares de besouros, pôsteres com ilustrações e informações sobre a taxonomia e a ecologia dos besouros,

réplicas palpáveis dos estágios da metamorfose dos besouros, além do uso de estereomicroscópios para a observação de espécimes, como o gorgulho *Entimus imperialis* (Forster, 1771).

Também distribuimos cartilhas para esclarecer dúvidas comuns, como as diferenças entre besouros e baratas. Além disso, abordamos questões evolutivas e ecológicas, mostrando como características morfológicas específicas, como a presença de longos chifres e grandes mandíbulas (ambos exemplificados com espécimes reais nas gavetas entomológicas) podem estar associadas a determinados modos de vida e comportamento.

Com esse enfoque, além de fornecer uma base de conhecimento sobre a diversidade morfológica e adaptativa dos besouros, proporcionando uma experiência visualmente estimulante para os participantes, buscamos promover uma compreensão mais profunda sobre biologia e conservação da biodiversidade.

Uma das atividades mais marcantes da nossa oficina é a comparação de tamanhos entre diferentes espécies de besouros. Ao explorarmos a gaveta entomológica, destacamos a ampla diversidade de dimensões presentes nesses insetos, desafiando os participantes a identificar desde os menores besouros, quase do tamanho da cabeça de um alfinete, até exemplares maiores, como o serra-pau, *Titaneus giganteus* (Linnaeus, 1771) (família Cerambycidae), com aproximadamente 18 cm de comprimento.

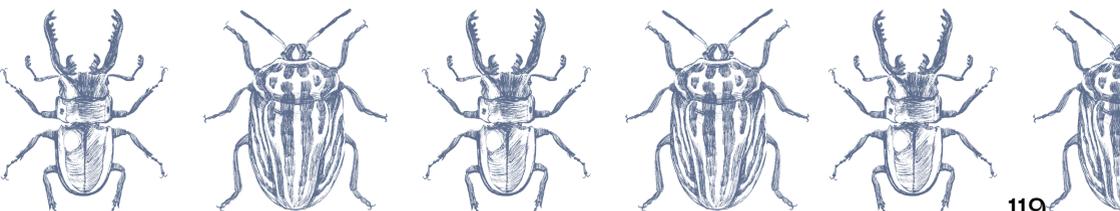


A surpresa e o fascínio são palpáveis quando apresentamos o menor besouro, muitas vezes subestimado devido ao seu tamanho diminuto, comparável ao de um alfinete.

Essa atividade não apenas revela a incrível variação de tamanhos entre os besouros, mas também enfatiza a importância da observação minuciosa da natureza e a riqueza de diversidade que ela oferece, características inatas aos taxonomistas.

A importância da observação minuciosa

Outro momento de destaque é a observação do besouro *Entimus imperialis* sob o estereomicroscópio, uma espécie nativa da Floresta Atlântica, reconhecida por suas cores vibrantes e aspecto brilhante. Essa experiência não apenas encanta os participantes pela beleza singular do besouro, mas também, indiretamente, ressalta a importância da conservação da Floresta Atlântica. Tanto crianças quanto adultos ficam igualmente fascinados, ansiosos para capturar a deslumbrante imagem do besouro em suas câmeras, evidenciando o poder que a natureza tem em inspirar admiração e respeito. Por fim, a atividade que envolve o uso de panfletos com ilustrações para distinguir besouros e baratas sempre se revela esclarecedora.

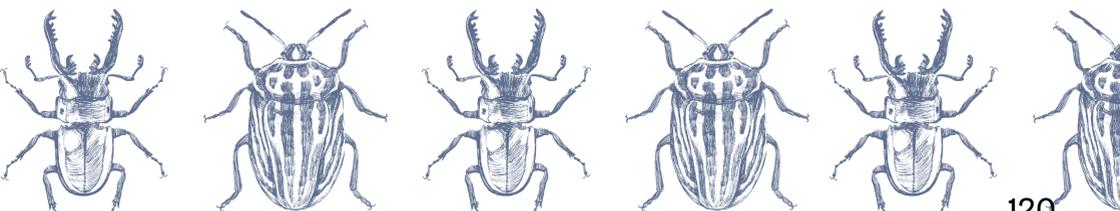


Uma grande parcela dos participantes tende a confundir os dois grupos, reagindo com uma mistura de surpresa e repulsa.

A interiorização dos saberes através da oficina "Conhecendo os besouros" desempenha um papel significativo na disseminação da ciência e na valorização da biodiversidade.

A fase juvenil das baratas é conhecida como ninfa, diferindo do adulto principalmente por não possuir asas desenvolvidas. Morfologicamente, as baratas são reconhecidas pela presença de um par de ocelos, além do par de olhos compostos, pelas asas anteriores flexíveis, translúcidas e pouco endurecidas (tégminas), e pela presença de um par de apêndices alongados no fim do abdome (cercos). Os besouros (Ordem Coleoptera), por sua vez, possuem um ciclo de vida com metamorfose completa (holometabolia). A fase juvenil dos besouros é denominada larva e há também a pupa, um estágio intermediário entre a vida adulta e a juvenil.

Os besouros adultos são reconhecidos pela quase sempre ausência de ocelos, pelas asas anteriores muito endurecidas e inflexíveis (élitros), e pela ausência de cercos.

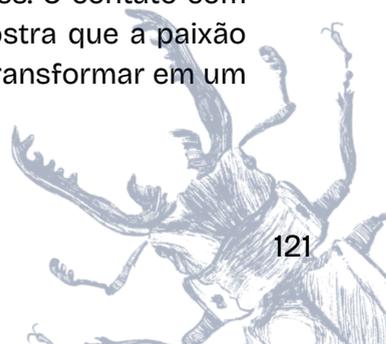


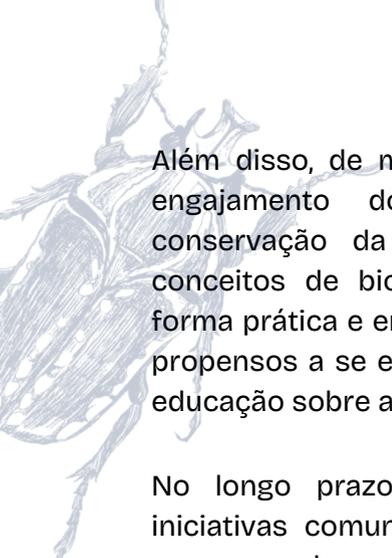
Essa atividade demonstra o valor da educação e do entendimento da evolução em transformar perspectivas e atitudes em relação à biodiversidade.

No entanto, à medida que mergulham nos detalhes as diferenças morfológicas e dos ciclos de vida desses insetos, suas percepções começam a mudar. Embora similares à primeira vista, besouros e baratas têm trajetórias evolutivas diferentes e, portanto, são classificados em ordens distintas. As baratas (Ordem Blattodeaa) possuem um ciclo de vida com metamorfose incompleta (hemimetabolia).

Em muitas dessas regiões, as oportunidades de aprendizado prático em ciências naturais são limitadas. Ao levar a oficina até essas regiões, o projeto UFRJMar enriquece a educação local e contribui para a formação de uma sociedade mais informada e consciente sobre questões ambientais e científicas.

Outro aspecto importante da interiorização dos saberes é a exposição do público a carreiras profissionais que raramente são consideradas em regiões afastadas dos grandes centros, como a de pesquisador nas áreas de biologia e etnologia. Ao interagir com pesquisadores e estudantes, e ao vivenciar de perto o trabalho científico através das atividades das oficinas, os participantes podem despertar o interesse por carreiras até então desconhecidas ou pouco valorizadas em suas comunidades. O contato com o mundo da ciência abre horizontes e mostra que a paixão pela natureza e pela descoberta pode se transformar em um caminho profissional viável e gratificante.





Além disso, de maneira mais ampla, a oficina promove o engajamento dos participantes com iniciativas de conservação da biodiversidade. Ao serem expostos a conceitos de biodiversidade, ecologia e conservação de forma prática e envolvente, os participantes tornam-se mais propensos a se envolver em ações locais de preservação e educação sobre a biodiversidade.

No longo prazo, esse engajamento pode resultar em iniciativas comunitárias, projetos de ciência cidadã e até mesmo no desenvolvimento de carreiras nessas áreas.

Importância da vivência para os alunos da UFRJ

A participação no projeto UFRJMar oferece aos estudantes da UFRJ uma oportunidade única de enriquecimento acadêmico e desenvolvimento profissional. A interação com o público, predominantemente composto por estudantes de escolas públicas, proporciona um valioso intercâmbio de conhecimentos e experiências. Essa troca mútua não apenas beneficia os visitantes da oficina, que têm acesso a informações científicas de maneira coerente e descomplicada, mas também oferece aos estudantes da UFRJ a oportunidade de aprender com as perspectivas e questionamentos do público. Tal interação pode inspirar novas ideias de pesquisa e fornecer aprendizados valiosos sobre como melhor comunicar conceitos científicos complexos. Ao compreenderem que os besouros, por exemplo, contribuem para processos como a decomposição,

reciclagem de matéria orgânica e a polinização, os participantes são incentivados a refletir sobre a interconexão de todas as formas de vida e a importância da conservação ambiental.

A necessidade de adaptar o discurso científico para torná-lo compreensível a um público não acadêmico é uma das habilidades mais importantes desenvolvidas pelos alunos durante a oficina. Esta prática ajuda os estudantes a aprimorar sua capacidade de comunicação, tornando-os mais eficazes na disseminação do conhecimento científico. A habilidade de transmitir informações complexas de maneira clara e acessível é essencial para qualquer profissional que deseje promover a ciência.

Além disso, o projeto UFRJMar envolve a colaboração entre diversas áreas da universidade, proporcionando aos estudantes a oportunidade de interagir com colegas de diferentes disciplinas. Essa interdisciplinaridade enriquece a experiência de aprendizado, ampliando os horizontes acadêmicos dos participantes e permitindo a formação de uma valiosa rede de contatos.

Através dessa rede, os estudantes podem explorar colaborações futuras, oportunidades de pesquisa e até mesmo parcerias profissionais.

CONCLUSÃO

Nossa experiência com a oficina “Conhecendo os besouros” no projeto UFRJMar tem sido profundamente enriquecedora. Além de fornecer conhecimento sobre a diversidade e relevância dos besouros, nossas atividades também estimulam uma maior apreciação pela biodiversidade. Ao contribuir para a educação local e promover a disseminação da ciência de maneira inclusiva e acessível, a interiorização dos saberes desempenha um papel crucial na formação de cidadãos conscientes e engajados na conservação da biodiversidade e na valorização do patrimônio natural da região.

Projetos de extensão como o UFRJMar estabelecem uma ponte crucial entre a instituição e a comunidade, conectando de forma significativa a academia com o público em geral.

Essa interação democratiza o acesso ao conhecimento científico e fortalece os laços entre a universidade e as comunidades locais. A conexão direta entre a UFRJ e a comunidade demonstra o compromisso da instituição em contribuir para o desenvolvimento e o bem-estar das áreas ao seu redor, refletindo uma abordagem holística e inclusiva para a educação e a pesquisa científica.





Guardiões da Orla

Instituto de Biologia/UFRJ

Maria Alves Napolitani

Lattes:

3229926936601484

Vinícius Peruzzi

Lattes:

4837961092090109

O projeto de extensão "Guardiões da Orla Carioca: Ressignificando o Lixo através da Educação Ambiental" é coordenado por pesquisadores do Instituto de Biologia da UFRJ.

Seu principal objetivo é fomentar uma reflexão crítica sobre a gestão de resíduos sólidos, com especial atenção aos materiais descartados nas praias e orlas do Rio de Janeiro. Assim, sua missão é capacitar e sensibilizar os participantes para a construção de uma nova relação entre a sociedade e os resíduos.

O projeto tem como público-alvo:

- os alunos da educação básica;
- os frequentadores das praias;
- e os quiosqueiros/barraqueiros.

O "Guardiões da Orla" participou das edições de 2021, 2022 e 2023 do festival UFRJMar. Durante o festival, foram oferecidos oficinas, jogos e apresentações de materiais didáticos aos participantes, visando promover a troca de conhecimentos e novas abordagens de ensino.

Participantes de todas as idades puderam participar das oficinas e atividades, sendo incentivado tanto a participação de alunos, quanto funcionários da rede de ensino. **Através dos registros de participação de visitantes, temos orgulho de ter alcançado um público direto de, pelo menos, 1002 pessoas durante os três eventos.**

No XIV UFRJMar Virtual, realizado em 2021, ocorreu a primeira versão da oficina intitulada "Guardiões da Orla: Preservando através da Reciclagem". Esta oficina teve como objetivo abordar diversos temas relevantes, incluindo a importância dos mares e oceanos, destacando aspectos como turismo, pesca e o papel das comunidades tradicionais.

Também foram discutidos temas como a origem dos resíduos que chegam aos mares, a distinção entre lixo e resíduo, o conceito de reciclagem e sua importância, exemplos de materiais recicláveis e a definição de coleta seletiva. Além disso, foi abordado o atual cenário dos resíduos sólidos no Brasil e as consequências da disposição inadequada desses materiais para a saúde humana e o meio ambiente, especialmente para os ecossistemas marinhos.

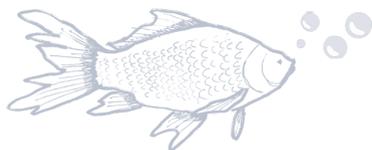
Foram delineadas as diferenças entre lixões, aterros sanitários e incineração, visando a conscientização sobre os impactos ambientais de cada prática. Por fim, a oficina apresentou os principais tipos de resíduos encontrados nas praias, destacando a durabilidade desses materiais no meio ambiente e suas consequências.



Dado o formato do evento, que ocorreu de maneira virtual, essa primeira versão da oficina teve um enfoque teórico. No entanto, houve uma discussão aberta posteriormente, permitindo a interação e troca de ideias com o público. A oficina foi gravada e está disponível no canal do projeto no YouTube, permitindo um acesso contínuo ao seu conteúdo.

Em 2022, o festival UFRJMar teve sua primeira versão pós-pandemia, e a oficina "Guardiões da Orla: Preservando através da Reciclagem" foi adaptada para uma versão prática e interativa. Esta atividade teve como objetivo promover a reflexão sobre o descarte correto do lixo no cotidiano destacando como a reciclagem pode contribuir para a redução da poluição urbana e marinha.

O foco principal da oficina foi enfatizar a importância da coleta seletiva como uma maneira de reduzir a poluição causada pela má disposição de resíduos pela população, os quais, eventualmente, encontram seu caminho para o oceano, afetando negativamente a vida marinha. Para isso, o projeto utilizou seis caixas de papelão, cada uma simbolizando um tipo diferente de coletor ("lixeira seletiva"). Cada caixa representava um tipo específico de material: azul para papel e papelão, vermelha para plástico, amarela para metal, marrom para resíduos orgânicos, cinza para rejeitos (materiais que não podem ser reciclados) e resíduos contaminados não passíveis de separação.



A importância da coleta seletiva

No início da atividade, diversos resíduos e rejeitos eram distribuídos aleatoriamente entre as caixas. O objetivo dos participantes era organizar corretamente esses materiais. Durante a atividade surgiam dúvidas e discussões com os mediadores, estimulando o diálogo sobre a importância da separação adequada dos resíduos. Ao final, os mediadores, conferiam a organização das caixas e corrigiam possíveis equívocos. Então, era destacada e discutida a importância da coleta seletiva, bem como os impactos dos resíduos e rejeitos nos mares e praias.

Essa atividade interativa possibilitou uma compreensão mais tangível sobre como funciona a coleta seletiva e quais são os desafios envolvidos durante o processo de separação correta de resíduos.

Em 2023, além da atividade "Preservando através da reciclagem", o projeto introduziu mais duas atividades interativas chamadas: "Memorizando os resíduos" e "O caminho da sustentabilidade". A atividade "Memorizando os Resíduos" nada mais é do que um jogo da memória com imagens e desenhos de diversos tipos de resíduos e rejeitos, coletores, mutirões de limpeza, entre outros elementos relacionados.

O objetivo dessa atividade é familiarizar os participantes com a temática de forma descontraída. Dependendo da faixa etária e do número de participantes, o mediador pode promover um diálogo mais profundo sobre os conceitos re-

presentados em cada imagem ou desenho. Por sua vez, a atividade "O caminho da sustentabilidade" é um jogo de tabuleiro onde os jogadores avançam ao sortearem um número no dado e pararem em casas que contêm perguntas relacionadas às oficinas anteriores. Esta atividade promove um diálogo mais amplo com os participantes, pois, especialmente em caso de respostas erradas ou ausentes, a resposta correta é explicada, seja por outro participante ou pelo mediador.

Ambas as atividades visam aprofundar o entendimento dos participantes sobre questões relacionadas à gestão de resíduos e à sustentabilidade, proporcionando uma abordagem interativa, dinâmica e educativa. É importante ressaltar que a educação ambiental é um processo interdisciplinar que vai além das atividades realizadas durante o evento. No entanto, as oficinas oferecem uma oportunidade para os participantes se engajarem de forma prática e interativa com esses conceitos, proporcionando uma compreensão mais profunda e pessoal das questões ambientais.

Ao se sensibilizarem com as atividades, os participantes podem se tornar agentes de mudança, influenciando positivamente as práticas individuais e coletivas em relação à gestão de resíduos, conservação dos ecossistemas e adoção de comportamentos mais sustentáveis. Podendo, assim, disseminar os conhecimentos adquiridos durante as oficinas para suas famílias, amigos e colegas, ampliando o impacto das atividades para além do próprio evento.

O projeto acredita que isso possa influenciar a criação de iniciativas locais de preservação ambiental e de parcerias entre diferentes setores da sociedade, fortalecendo os esforços para a proteção e conservação dos ambientes naturais da região.

*influenciar a criação
de locais de preservação*

Em suma, as oficinas proporcionam trocas de saberes, recursos (didáticos) e conhecimento em prol da preservação ambiental, contribuindo para a construção de uma comunidade mais consciente e engajada com a sustentabilidade. Os interessados em colaborar com o projeto posteriormente as atividades são sempre encorajados a entrar em contato.

Vale ressaltar que a participação dos alunos da UFRJ no projeto "Guardiões da Orla" representa uma oportunidade valiosa de vivência e aprendizagem de sua formação acadêmica.

Como a educação ambiental é uma área interdisciplinar e ainda emergente, muitos cursos de graduação não incluem conteúdos específicos sobre essa temática em suas grades curriculares. Nesse contexto, o projeto de extensão desempenha um papel fundamental ao capacitar esses alunos para atuarem na área, fornecendo-lhes conhecimentos teóricos e práticos sobre questões ambientais e de sustentabilidade.

A participação no UFRJMar proporciona aos alunos uma experiência enriquecedora, na qual eles têm a oportunidade de colocar em prática os conceitos e técnicas aprendidos no projeto. Ao se envolverem diretamente nas atividades do festival, esses alunos têm a chance de aplicar seus conhecimentos de forma concreta, contribuindo para a sensibilização e conscientização ambiental de outros participantes. Além disso, a vivência no projeto e no festival UFRJMar também oferece aos alunos a oportunidade de desenvolver habilidades importantes, como trabalho em equipe, liderança, comunicação e organização de eventos e atividades.

Essas competências são essenciais para sua formação profissional e pessoal. A participação no projeto "Guardiões da Orla" e no festival UFRJMar não apenas complementa a formação acadêmica desses alunos, mas também os capacita para se tornarem cidadãos conscientes e engajados com as questões ambientais.

CONCLUSÃO

O projeto "Guardiões da Orla" é um projeto que possui um compromisso significativo com a conscientização ambiental e a promoção de práticas sustentáveis. A participação ativa dos integrantes reflete um envolvimento genuíno na consecução dos objetivos do projeto.

No contexto do festival UFRJMar, houve uma troca valiosa de conhecimentos e experiências, que contribuiu significativamente para o processo de ensino-aprendizagem não apenas dos alunos da rede de ensino, mas de todos os participantes envolvidos. Diante disso, é fundamental reconhecer o valor do trabalho realizado pelo projeto e pelo festival. Incentivar a continuidade e expansão dessas iniciativas é algo essencial para a construção de um Brasil mais sustentável.

O corpo e o mar

Navegando em águas transformadoras: UFRJMar e Extensão Universitária

Ana Lúcia de Almeida Coelho

Lattes:

8449921858324548

INTRODUÇÃO

Há 30 anos ministro a disciplina Introdução ao Estudo da Corporeidade na Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nesses 30 anos, diversos alunos passaram por mim – em seus primeiros períodos da faculdade – e deixaram marcas; sendo uma das mais importantes uma que aconteceu em meados de 2004. Ao encerrar a aula do dia, uma aluna minha do primeiro período me abordou com muita empolgação sobre um evento que ela acabara de participar e achava que a proposta do mesmo conversava muito com o que era passado nas aulas. Esse evento era o UFRJMar.

Ao explicar com mais detalhes sobre a proposta do festival, a aluna falou sobre a Extensão Universitária, algo que era extremamente recente dentro da Universidade e eu não fazia ideia do



que se tratava, mas estava interessada em descobrir. Fui procurar o professor Armando Alves de Oliveira, coordenador do departamento de extensão na época, e ele prontamente me incluiu nas atividades e disse que eu deveria pensar em uma proposta de oficina para que fosse levado para o UFRJMar. Eu não fazia a menor ideia do que fazer para o evento, mas sabia que queria pensar em uma oficina que unisse as atividades de corporeidade com o mar.

Assim, em 27 de outubro de 2004, participava do meu primeiro UFRJMar – que ocorreu em Búzios – com uma equipe de 5 alunos para a oficina “O corpo e o mar”. A ideia era participar apenas daquela edição, a fim de conhecer a proposta do festival, mas saímos tão tocados e motivados com a experiência que se tornou a primeira de muitas que iríamos participar como equipe e, com o passar das edições, como Projeto de Extensão.

O UFRJMar, para mim, não foi apenas mais um evento que se participa quando se é docente da Universidade, mas foi o início da minha história com a Extensão Universitária e a sua compreensão mais ampla. O UFRJMar representa a Extensão Universitária em sua própria essência, uma vez que é construído, literalmente, na troca entre saberes tanto interorganizacionais quanto intraorganizacionais.

Ou seja, além da troca dialógica entre Universidade e sociedade – que sem ela é impossível a realização de um evento com a magnitude do UFRJMar – o festival proporcio-

na que nós, como corpo universitário, também troquemos entre si, a partir das diferentes oficinas e, assim, ter conhecimento da produção acadêmica da Universidade de forma mais ampla. Além disso, em um âmbito mais pessoal, permite que amizades sejam formadas, independente da hierarquia: que sejam alunos, funcionários ou docentes.

Um exemplo prático disso: os primeiros alunos que toparam ir ao UFRJMar comigo se tornaram meus amigos e temos contato até hoje, mesmo depois de 20 anos da nossa primeira oficina. Foi a partir do UFRJMar que fundei meu primeiro Projeto de Extensão, o “Portas Abertas para o Corpo”, que tinha como objetivo estudar e experienciar o corpo em sua totalidade, ratificando a importância dele na Educação Física, que funcionou de 2004 a 2008. Depois, em 2006, foi criado o Projeto de Extensão “Faz e Acontece”, que até hoje atua com o objetivo de explorar as congruências entre Educação Física, Dança e Cultura, através do corpo.



Relato de vivência do projeto de extensão no UFRJMAR

O estudo da corporeidade compreende o entendimento do ser humano em sua totalidade, indo contra o fluxo do raciocínio cartesiano, que divide o ser entre mente e corpo.

Segundo Merleau-Ponty¹, nosso corpo não é um objeto. Ou seja, não temos um corpo, nós somos um corpo, que está inserido e atua no mundo. É como corpo que criamos diferentes formas de expressão, sendo essas consideradas artísticas ou não, como a Dança e a Educação Física.

Iniciado com o Projeto Portas Abertas para o Corpo e continuado com o Projeto Faz e Acontece, a proposta das inúmeras oficinas realizadas nas edições do UFRJMar, tiveram — e têm — como objetivo comum vivenciar as múltiplas situações do corpo no espaço. Além das oficinas, a partir de 2017, levamos às edições do festival espetáculos artísticos, fruto das pesquisas do Projeto. E, em 2021, foi montado um espetáculo, “Ciranda do Mar”, para a comemoração dos 20 anos de UFRJMar, que ocorreu no modelo remoto em função da pandemia da Covid-19.

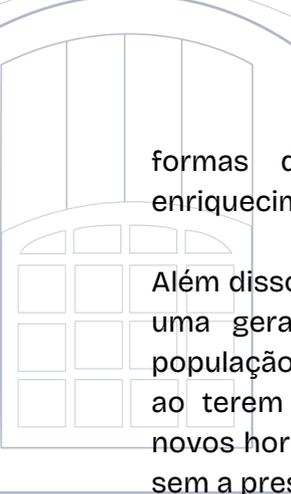
Desde 2004, com a primeira ida ao UFRJMar, o Projeto Portas Abertas para o Corpo e, atualmente, o Projeto Faz e Acontece, participou de todas as edições até os dias de hoje,

1. MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro Moura. 5a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

que ocorreram nas cidades de Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Macaé, Paraty e Rio de Janeiro, com as seguintes oficinas: Deslize, balanço e equilíbrio na lona molhada e sabão; salto do trampolim acrobático para a piscina; Waterball no mar e na piscina; Rolo acrobático, perna de pau e malabares; Escalada no macramê; Trampolim acrobático; Muro de escalada. Já os espetáculos levados foram: “Brincando com Portinari”; “Ciranda da Água”; “Matemática”; “Ciranda do Mar”; “Caminhos do Mar”. Além da participação no UFRJMar, também participamos do Semeando URFJMar (Paraty, 2007), Festa do Mar e Sol (Paraty, 2009 e 2011), Para Sempre UFRJMar (Rio de Janeiro, 2012), UFRJMaré (Rio de Janeiro, 2016) e UFRJMar Ilha do Araújo (2016).

A importância da interiorização dos saberes para a região

Falar sobre ser corpo é algo, infelizmente, pouco trabalhado. Assim, a proposta das oficinas do Faz e Acontece é de ampliar a reflexão das múltiplas possibilidades de ser corpo no espaço. A partir da utilização de materiais que, normalmente, não estão presentes ou não são do Espetáculo Ciranda do Mar – UFRJMar 2022, Paraty, que são trabalhados no cotidiano da população. Assim, quando se há a possibilidade de expandir essa proposta para locais distantes da cidade do Rio de Janeiro, normalmente onde a Universidade atua, amplia-se o conhecimento do corpo para populações mais distantes. De forma lúdica, trabalhamos nas oficinas a consciência corporal, extremamente importante para a saúde. Com espetáculos, leva-se outras



formas de cultura para a população, gerando um enriquecimento subjetivo.

Além disso, com o trabalho de interiorização dos saberes, há uma geração de novas perspectivas de futuro para a população. Em outras palavras, os participantes das oficinas, ao terem contato com diferentes graduações, conhecem novos horizontes no seu caminhar, que talvez não existiriam sem a presença do UFRJMar.

A importância da vivência para os alunos da UFRJ

A experiência do UFRJMar possibilita aos estudantes inúmeras oportunidades de interação com o público de diversas comunidades, que proporciona a todos estudantes envolvidos a construção e o aprimoramento de habilidades, o crescimento profissional e pessoal, a incorporação de novas práticas para além das acadêmicas e o trabalho em equipe.

“As diversas trocas de experiências permitem formação multidisciplinar corroborando para ampliação de visão crítica da realidade e das desigualdades sociais dos locais que o Projeto UFRJMar está inserido”.

Os alunos que participam desta experiência passam a ter uma visão na prática da Extensão Universitária, uma vez que precisam trocar com a comunidade que estão em contato.

Além de trocarem com outras graduações a partir das oficinas fortalecendo a interdisciplinaridade e interprofissionalidade do projeto UFRJMar.

O UFRJMar não possibilita apenas crescimento acadêmico para os alunos, mas também experiências pessoais transformadoras, como conhecer novos lugares, criarem amizades, intercâmbio de informações, entre outros, impactando na formação do estudante.

CONCLUSÃO

O UFRJMar, em sua proposta, traz de forma prática o tripé ensino-pesquisa-extensão, essencial para a produção acadêmica, ratificando que não há ensino e pesquisa sem a extensão.

Ao entrar em contato a primeira vez com a Extensão, há 20 anos, a minha vivência dentro da Universidade mudou completamente enquanto docente e pessoa.

Se a Universidade permanece dentro de seus muros, ela não cumpre com seu papel essencial: a transformação social do meio em que ela está inserida.

Graças à Extensão, há a possibilidade de uma conversa entre saber científico e saber popular, uma vez que os dois são igualmente importantes. De forma mais específica, brincar, aprender novos jogos, descobrir danças locais, escorregar

no sabão, é igualmente importante a escrever um artigo ou fazer uma pesquisa no sentido mais tradicional; tanto a prática quanto a teoria produzem conhecimento.

É nesse formato que o UFRJMar se destaca, uma vez que, como dito anteriormente, ele traz em sua essência com excelência a Extensão Universitária.

Esportes de litoral

Ricardo José Ramos - Deptº de Jogos da Escola de Educação Física e Desportos/UFRJ

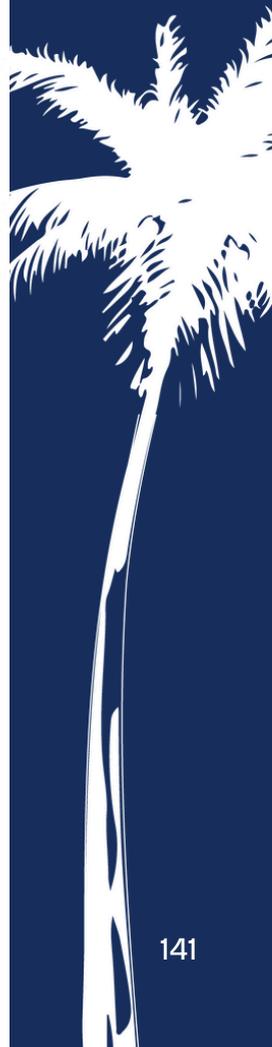
Lattes:

6908429257909174

RELATO DE VIVÊNCIA

Minha história com o Festival UFRJMar começou em 2003, na cidade de Arraial do Cabo, RJ, quando fui convidado pelo professor Armando Alves de Oliveira a coordenar a oficina esportes de litoral, que consistia em levar às crianças da comunidade esportes praticados na areia, tais como voleibol, futebol e handebol. Naquela época eu ainda não tinha noção do quão importante era o projeto para a comunidade local e para a comunidade acadêmica, e isso foi ficando cada vez mais aparente com o passar dos anos. Não dá pra esquecer a emoção de ouvir as crianças chamando os professores e alunos pelo nome no festival seguinte, um ano depois. Com isso, começamos a entender a nossa importância para eles, despertando uma vontade enorme de fazer o melhor a cada festival

A oficina esporte de litoral, assim chamada pelo fato de o festival ser realizado em cidades litorâneas, era composta, conforme dito acima,



por voleibol, handebol e futebol de areia, mas, em 2004, resolvi acrescentar o basquetebol à oficina e amarrei um aro na trave de futebol. Demos ali um passo inicial para implantarmos a modalidade ao projeto.

O professor Armando Alves, coordenador da Escola de Educação Física e Desportos no festival, sempre apoiando as boas ideias, resolveu mandar fazer uma tabela de basquetebol adaptada para areia. Eu fiz o desenho, com uma base pesada em L enterrada na areia, para que não tombasse para frente, felizmente, deu certo. A estreia foi em Búzios e foi um sucesso, não posso esquecer um vendedor de óculos, um senhor simpático, que parou, deixou o material de lado, e foi jogar com a gente, não quis mais saber de vender seus óculos.

Para nossa surpresa, no dia seguinte, lá estava ele para repetir a dose, realmente sensacional. Também não posso deixar de registrar a disposição e alegria do saudoso Fernando Amorim que, sempre que podia, aparecia para jogar. Foi a única vez que o festival foi realizado em Búzios, mas foi o suficiente para ficar marcado em nossas memórias por muito tempo.

O corfebol foi levado pela primeira vez para Macaé, em 2006, pela insistência de um ex-aluno pois, apesar de já conhecer o esporte através da leitura, eu não acreditava que pudesse ser um esporte popular.

E não foi em Macaé que eu mudei de ideia e sim 6 ou 7 anos

depois, após um outro ex-aluno, que praticava a modalidade, me pedir um espaço para treinar sua equipe, o que eu prontamente atendi, oferecendo uma quadra ao lado da que eu ministrava minhas aulas de basquetebol. Foi aí que comecei a entender melhor o esporte e perceber como ele é inclusivo, pois suas regras permitem que qualquer pessoa, habilidosa ou não, consiga jogar.

Como em Macaé as atividades foram realizadas em um pavilhão e não na praia, o piso de cimento impediu a prática do voleibol e do basquetebol. Então, o corfebol foi a salvação da oficina, que ficaria somente com o handebol. Atualmente, o corfebol tem presença garantida em todos os festivais.

Na Praia do Forte, em Cabo Frio, foi onde o festival, na minha opinião, teve seus melhores momentos. Eram cerca de seiscentas pessoas da UFRJ entre alunos, professores e técnicos; só a Educação Física levava cerca de duzentos participantes. A infraestrutura era espetacular e o material também era farto. Lembro que tínhamos que levar tudo do hotel para a praia durante os quatro dias. Carregamos tudo pelo meio da rua, foi uma boa lição para os nossos alunos.

O basquetebol também fez sucesso em Cabo Frio, assim como o voleibol, futebol e handebol, mas outras oficinas também despertaram muito interesse nas crianças. Me recordo bem do atletismo na areia, do surfe, do muro de escalada, da corrida de orientação, entre outras sob a responsabilidade da Educação Física.

Um dos pontos fortes do festival em Cabo Frio foi a interação entre as oficinas. Nossos alunos eram incentivados a participar das oficinas de outras unidades, assim como alunos de outras unidades participavam de nossas oficinas, cumprindo bem um dos objetivos do festival: a troca de saberes.

Como já falei, vários foram os momentos emocionantes que ocorreram durante o festival, mas não posso deixar de citar a alegria de um grupo de crianças de uma escola do interior ao pisar na areia e ver a água do mar, algo inédito para eles. A felicidade deles era tanta que contagiou a todos: os nossos alunos pareciam que pisavam na areia pela primeira vez também.

Não podemos mais pensar no Festival UFRJMar sem pensar em Paraty, um é sinônimo do outro. Em 2011, o festival foi realizado na Ilha das Cobras com o nome Festa do Sol e do Mar, e foi marcante a disposição da criançada em fazer as atividades. Neste ano, eu levei o hóquei de grama, no entanto, o festival foi realizado em uma quadra coberta e fizemos o hóquei no cimento.

Minha preocupação era grande, pois a garotada, com aqueles tacos quase maiores do que eles, poderia se machucar. Ainda mais por fazerem as atividades descalços. Mas felizmente correu tudo bem, mesmo quando a gente via aqueles tacos misturados com as pernas deles, não houve nenhum problema. Outra oficina que fez sucesso na Ilha das Cobras foi a de Avaliação Física, uma novidade para aquelas crianças que, mesmo sem saber o que estava sendo feito, se

comportavam e se surpreendiam com os monitores com instrumentos apropriados medindo altura, peso, gordura corporal, etc.

Pena que não foi possível realizar outros festivais naquela comunidade, devido a problemas alheios à nossa vontade. Outro destaque em Paraty foi a realização do festival na Ilha do Araújo, um local maravilhoso pela sua beleza e simplicidade.

Neste ano, a participação indígena foi marcante pois, por ser um local pequeno, as oficinas ficaram todas próximas, assim como os indígenas que encantaram a todos com seus artesanatos e sua cultura.

Em 15 de setembro de 2012, participamos do evento no hangar da UFRJ, na Ilha do Fundão, promovido pelo Museu do Mar. O evento foi um dia de homenagem ao professor Fernando Amorim, que faleceu naquele ano, e deixou um legado impressionante relacionado ao festival. Tivemos várias oficinas funcionando com a participação de alunos, ex-alunos e professores das escolas e cursos de extensão de Macaé, Cabo Frio e Paraty. Foi um dia de emoção, tristeza e alegria, e de muitas lembranças do amigo que perdemos.

Falando um pouco de nossos alunos, não posso deixar de salientar a importante participação deles para o sucesso do festival, assim como a importância do festival na formação deles.

Infelizmente, ainda temos alguns alunos que não sabem aproveitar essa oportunidade e não retornam como oficinairos. Posso citar um caso de três alunas que apareceram para trabalhar com as camisas do festival cortadas, como se estivessem indo passear na praia. Nesse dia fiquei muito zangado e, com certeza, essa atitude delas foi um motivo para não voltarem no ano seguinte, afinal, a camisa é a nossa identificação no projeto e, quando a vestimos, estamos vestindo a camisa da UFRJ, o que devemos valorizar muito. Apesar disso, a maioria dos alunos cumpre muito bem o seu papel, como foi no último festival em Paraty. Quando eu deveria escolher onde realizar minha oficina, na Praia do Pontal ou em Barra Grande, na dúvida, escolhi fazer nos dois locais. Deixei a Praia do Pontal por conta exclusivamente dos alunos e fui para Barra Grande; a oficina funcionou sem nenhum problema, confirmando a confiança neles depositada. Para concluir, deixarei aqui alguns depoimentos de alunos falando da importância do festival na formação deles. Ninguém melhor do que eles próprios para fazerem este relato.

A importância da vivência para os alunos da UFRJ

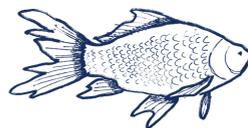
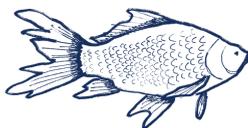
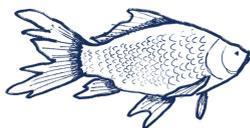
“O Festival em Paraty proporcionou à comunidade uma experiência muito boa, integrando aprendizado e diversão. Houve, por parte das pessoas que participaram, um grande interesse em conhecer as oficinas por serem uma experiência nova. As oficinas desenvolvidas no Festival fo-

ram muito boas e pude conhecer um pouco de cada uma participando delas. A nossa oficina de Avaliação Física foi um pré-requisito para participar de outras tais como hóquei e escalada, o que fez surgir da parte das crianças a pergunta: “Por que preciso de avaliação física?”. Pude responder a todos que me perguntaram adequando as respostas a seus padrões de vida, por exemplo, para os meninos que jogavam futebol, eu fazia um comparativo com os grandes jogadores. Foi um evento de grande proveito e aprendizagem.

Com o Festival, pude aprender mais sobre avaliação física na prática e na teoria e já começamos a pensar em como será a estruturação do nosso artigo sobre essas avaliações.

Além de enriquecimento do currículo e aprendizado, pude perceber o quanto uma avaliação física ainda é, para muitos, algo tão distante. Além disso, poder difundir o meu trabalho, e foi uma experiência muito gratificante e enriquecedora. A avaliação física é pré-requisito para a prática de qualquer exercício físico, fornecendo dados importantes de saúde. Nos dias em que estive em Paraty, a “AVALIAÇÃO FÍSICA” foi a porta de entrada para as oficinas que havia prática de atividade física, contribuindo e acrescentando informações que grande parte do público não conhecia.”

Relato de Amanda Fonseca

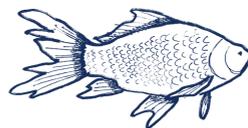
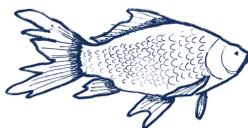
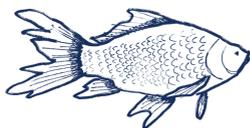


“O que falar do UFRJMAR? Um projeto que, só de falar, meu coração acelera. Se precisasse definir em uma palavra, eu definiria como riqueza.

Por que “riqueza”? Nós recebemos para participar? Recebemos algo muito mais valioso que dinheiro, o projeto foi e é muito enriquecedor para a minha formação, o conhecimento adquirido é algo que sempre vou levar comigo. Vivenciar as oficinas em Paraty me trouxe a dimensão do quanto a minha formação é importante para toda uma comunidade. Além disso, ver o brilho nos olhos de tantas crianças e responsáveis vivendo algo diferente ali me deixou ainda mais animada e disposta a trabalhar naquilo. Importante ressaltar também o apoio da cidade, das autoridades locais e dos professores de Paraty em relação ao projeto, que me surpreendeu demais, algo que na educação é difícil de encontrar.

O Festival UFRJMAR é um projeto muito grande, muito maior do que vemos de fora e com certeza a melhor experiência que já tive na faculdade.”

Relato de Mylena Gabriela



“Participar do projeto UFRJMAR foi uma experiência realmente incrível. Sempre que nós, alunos, temos a oportunidade de viajar e conhecer novos lugares, ficamos empolgados. Essa empolgação, com certeza, nos motiva mais a levar nossas oficinas. Essa foi minha primeira visita a Paraty e mesmo com a expectativa que já tinha, não imaginava o quanto o evento acrescentaria na minha formação. A troca cultural, o interesse das crianças, o trabalho em equipe que foi necessário e toda a abordagem pedagógica foram pontos incríveis. Me ensinou muito a superar algumas dificuldades que sempre aparecem de formas parecidas na nossa profissão, como a dificuldade de se comunicar (quando recebemos crianças de uma vila indígena), as dificuldades estruturais (carregar material pelo centro histórico, adaptar espaços), todos foram desafios superados pela vontade maior de fazer diferença através do esporte. A experiência foi incrível do começo ao fim, e acredito que me fez crescer como educador e futuro professor. O UFRJMAR é o melhor evento de extensão do qual eu já participei.”

Relato de Rafael Cosendey

“Recebi o convite do professor Ricardo Ramos para participar do UFRJMAR em 2022 com a oficina de esportes de areia, fui escolhido por ele pois atuava como monitor voluntário da disciplina de Fundamentos do Basquetebol. Aceitei o convite, porém, de início, não estava muito animado com o evento, pois não conhecia como funcionava e nem do que se tratava, visto que entrei na UFRJ durante o período da pandemia. Mal sabia eu que, ao aceitar aquele convite, minha vida mudaria completamente dali pra frente.

Durante o evento sempre conhecemos pessoas novas e temos interações com outros cursos e outros projetos da UFRJ. No UFRJMAR de 2022, conheci o projeto de extensão Faz e Acontece, da EEFD, administrado pela professora Ana Lúcia Coelho, no qual me inscrevi com o objetivo apenas de cumprir as horas de extensão, pois a abordagem do projeto, que trabalha a arte, a cultura corporal do movimento e a dança, não tinha muito a ver comigo.

Após um tempo de envolvimento com o Faz e Acontece, acabei tomando gosto pela dança e pelas vivências e experiências que a extensão podia me proporcionar através daquele projeto e ao reconhecer essa dedicação, a professora Ana Lúcia Coelho me ofereceu uma bolsa de iniciação artística e cultural, PIBIAC, que prontamente aceitei para que eu pudesse aprender e desenvolver estudos sobre a arte, a cultura e a dança.

Posteriormente, fui à edição de 2023 do UFRJMar com o projeto Faz e Acontece e fizemos a apresentação do espetáculo “Caminhos do Mar”. Com isso, é possível perceber que o UFRJMAR é capaz de transformar vidas e nos fazer alcançar horizontes inimagináveis.

Agradeço ao professor Ricardo Ramos pelo convite na edição de 2022 e à professora Ana Lúcia Coelho pelo convite em 2023, sem dúvidas foram experiências muito agregadoras para a minha formação acadêmica como futuro professor de Educação Física.”

Relato de Rafael Romano Cunha

Como se comportam os fluidos?

Robert Jäckel

Lattes:

8702041223970357

Juliana Braga R. Loureiro

Lattes:

8722351132929013

RELATO DE VIVÊNCIA

A oficina "Como se Comportam os Fluidos?" foi desenvolvida como parte do evento UFRJMAR, com o intuito de divulgar o trabalho realizado no Núcleo Interdisciplinar de Dinâmica dos Fluidos (NIDF) da UFRJ. Entender o comportamento dos fluidos é fundamental, pois, de certa forma, nós mesmos vivemos e nos movemos dentro de um fluido: o ar da atmosfera. Desde a nossa respiração até o clima que nos cerca, a dinâmica dos fluidos tem um papel intrínseco na nossa existência. Compreender os fluidos é, portanto, entender uma parte essencial do mundo que nos rodeia (como demonstrado em nosso experimento com o tanque rotatório representando a atmosfera). Além desta perspectiva um pouco filosófica, há também uma relevância prática significativa, especialmente para o Brasil.

O setor de petróleo é uma das principais indústrias do país e está profundamente interligado com a dinâmica dos fluidos. A extra-

ção, transporte e processamento de petróleo e gás natural dependem de um conhecimento aprofundado sobre o comportamento dos fluidos em diferentes condições. Assim, despertar o interesse e a compreensão dos alunos sobre a dinâmica dos fluidos pode ter um impacto direto no desenvolvimento de competências cruciais para setores estratégicos da economia brasileira.

Nossa oficina visa oferecer uma visão acessível e interativa sobre esses conceitos, adaptando-os para alunos do sistema público escolar, desde o Ensino Fundamental e Médio, incluindo também os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Durante a oficina, apresentamos conceitos básicos sobre o comportamento dos fluidos de forma visual e prática, utilizando experimentos simples que demonstram conceitos fundamentais como densidade e viscosidade de fluidos.

Abordando diferentes níveis de ensino

Ensinar conceitos complexos de dinâmica dos fluidos a grupos de alunos com diferentes idades e níveis de conhecimento é um desafio significativo. Para abordar essa diversidade, nossa oficina foi cuidadosamente estruturada para proporcionar experiências de aprendizagem adaptadas a cada faixa etária, desde crianças do Ensino Fundamental até jovens adultos do Ensino Médio e alunos da EJA.

Para os alunos do Ensino Fundamental, o foco é na exploração sensorial e visual. Nossa abordagem com esse

grupo é centrada em experiências práticas e interativas que capturam a atenção e a imaginação dos alunos. Por exemplo, usamos linguagem simples e exemplos do cotidiano para explicar conceitos como densidade e viscosidade, mostrando como esses princípios estão presentes em fenômenos que eles podem observar em casa ou na natureza. Os experimentos são conduzidos de maneira lúdica, estimulando a curiosidade sem sobrecarregar os alunos com detalhes técnicos. Esse enfoque ajuda a construir uma base de compreensão, enquanto os alunos se divertem e se engajam com o conteúdo.

Para alunos do Ensino Médio, introduzimos uma camada adicional de complexidade. Abordamos conceitos mais avançados, como escoamentos laminares e turbulentos, e exploramos a relação entre tensão e taxa de deformação em fluidos não-newtonianos. Para esse público, utilizamos uma combinação de demonstrações práticas e explicações teóricas mais detalhadas. Por exemplo, durante o experimento com cristais de mica, discutimos como as estruturas vortiais se formam e evoluem em um escoamento turbulento, conectando essas observações a princípios físicos fundamentais. Os alunos são encorajados a fazer perguntas e a refletir sobre as aplicações desses conceitos em contextos reais, como na previsão do tempo ou no setor de energia. Isso não só aprofunda sua compreensão, mas também demonstra a relevância prática da dinâmica dos fluidos em diferentes áreas do conhecimento.



Para os alunos da EJA, reconhecemos que muitos possuem uma gama diversificada de experiências e conhecimentos prévios, bem como uma maturidade que pode diferir dos alunos típicos do Ensino Médio. Por isso, a abordagem com esse grupo é feita de maneira personalizada, respeitando suas experiências de vida e adaptando as explicações para tornar os conceitos mais significativos e relevantes. A abordagem com esses alunos frequentemente envolve discussões mais interativas e contextualizadas, permitindo que eles relacionem a dinâmica dos fluidos a situações práticas do dia a dia ou a experiências profissionais que possam ter tido. Ao fazer isso, proporcionamos uma compreensão mais profunda e contextualizada dos princípios dos fluidos, demonstrando como esses conceitos podem se aplicar a diferentes aspectos da vida cotidiana e profissional.

A comunicação é uma parte central do nosso método, e adaptamos nossa linguagem e exemplos para tornar os conceitos compreensíveis e estimulantes para cada grupo. Usamos analogias, histórias e atividades práticas para ilustrar como os fluidos se comportam e por que isso é importante.

Além disso, incentivamos a participação ativa, fazendo perguntas para estimular o pensamento crítico, a discussão e a criatividade dos alunos. Dessa forma, conseguimos tornar a dinâmica dos fluidos acessível e relevante para alunos de todas as idades e níveis de conhecimento.



Adaptamos nossa linguagem e exemplos para tornar os conceitos compreensíveis e estimulantes para cada grupo. Usamos analogias, histórias e atividades práticas para ilustrar como os fluidos se comportam e por que isso é importante.

Além disso, incentivamos a participação ativa, fazendo perguntas e promovendo a discussão para estimular o pensamento crítico e a criatividade dos alunos. Dessa forma, conseguimos tornar a dinâmica dos fluidos acessível e relevante para alunos de todas as idades e níveis de conhecimento.

Experimentos: demonstração prática de conceitos em Dinâmica dos Fluidos

Uma das principais atrações da oficina são os experimentos práticos que ilustram conceitos fundamentais da dinâmica dos fluidos de forma acessível e envolvente. Um exemplo notável é o experimento da "areia movediça", que utiliza água e maisena para criar um fluido não-newtoniano. A magia desse experimento está no comportamento singular do fluido não-newtoniano: ele escoava facilmente quando submetido a esforços suaves, mas se comporta como um sólido ao receber um esforço externo abrupto.

Essa característica permite que os alunos percebam na prática a diferença entre fluidos newtonianos e não-newtonianos, enriquecendo sua compreensão de como diferentes materiais respondem a forças externas. Para os

alunos do Ensino Fundamental, o principal objetivo é proporcionar uma experiência sensorial, enquanto para os alunos mais velhos, explicamos conceitos mais avançados, como a relação entre tensão e taxa de deformação.

Outro experimento que desperta grande interesse nos alunos é a visualização de estruturas vorticiais em um fluido utilizando cristais de mica. Este é um experimento mais visual, que revela a complexidade e a beleza dos fluxos fluidos de maneira impressionante. Os cristais de mica possuem propriedades únicas de espalhamento de luz, o que lhes permite refletir a luz de forma muito distinta quando são elevados pelas estruturas vorticiais presentes em escoamentos turbulentos. Isso torna possível visualizar essas estruturas, proporcionando uma visão detalhada das diversas escalas de vórtices presentes em um fluido turbulento.

Para os alunos mais jovens, a simples observação dessas estruturas vorticiais em um fluido pode ser uma experiência fascinante. Já para os alunos do Ensino Médio e da EJA, utilizamos essa demonstração para discutir a natureza caótica da turbulência, a cascata de energia, e os desafios inerentes à previsão de escoamentos turbulentos.

Explicamos como a complexidade do escoamento turbulento na atmosfera torna impossível prever o tempo com precisão para escalas de tempo maiores do que alguns dias, devido à natureza imprevisível e caótica desses escoamentos.

Promoção da diversidade e inclusão na Engenharia

Além de apresentar os conceitos da dinâmica dos fluidos, nossa oficina também possui um compromisso com a promoção da diversidade e inclusão na área da engenharia mecânica. Reconhecemos que este é um campo tradicionalmente conservador, com uma representação limitada de grupos como pessoas negras e mulheres, tanto no ambiente acadêmico quanto no profissional. **Por isso, um dos objetivos centrais da nossa oficina é incentivar a participação destes grupos no estudo da engenharia e da dinâmica dos fluidos.** Fazemos um esforço para fascinar especialmente as alunas pelo tema, mostrando que a ciência dos fluidos é um campo cheio de oportunidades e descobertas. Nossas atividades são pensadas para serem inclusivas e para despertar a curiosidade de todos, mas com uma atenção especial para criar um ambiente onde meninas e mulheres se sintam encorajadas a explorar, questionar e se apaixonar pela ciência. Compartilhamos exemplos de mulheres bem-sucedidas na engenharia e na ciência, e destacamos a importância da diversidade para o avanço da pesquisa e inovação. Ao criar um ambiente acolhedor e inspirador, contribuímos para uma mudança positiva, promovendo a diversidade e incentivando a formação de futuros engenheiros e cientistas de todos os perfis. Acreditamos que, ao encorajar mais meninas e mulheres a ingressarem na área, enriqueceremos o campo da dinâmica dos fluidos com novas perspectivas e ideias inovadoras.

CONCLUSÃO

A oficina "Como se Comportam os Fluidos?" no evento UFRJMAR tem sido um esforço exitoso em apresentar a dinâmica dos fluidos a alunos de diferentes níveis de ensino de maneira acessível e interativa. Por meio de experimentos práticos e visuais, conseguimos despertar a curiosidade dos alunos e ilustrar conceitos complexos de maneira compreensível. Além disso, nosso compromisso com a diversidade e inclusão busca inspirar uma nova geração de engenheiros e cientistas mais representativa e preparada para enfrentar os desafios do futuro. Continuaremos a aprimorar a oficina, expandindo seu alcance e desenvolvendo novas formas de engajar e educar os alunos.

A saúde começa pela boca

Maria do Céu Pinto do Amaral

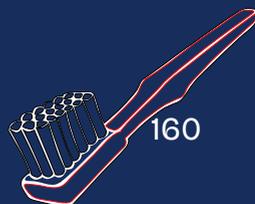
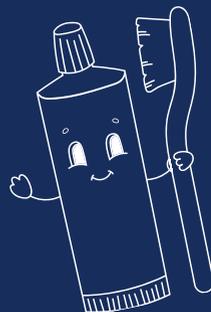
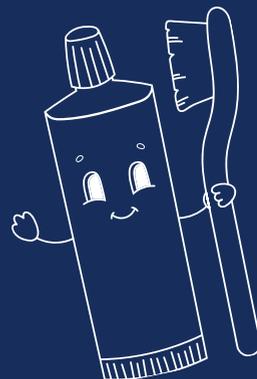
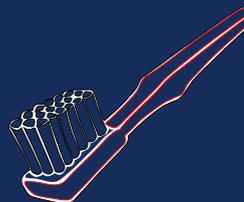
Lattes: 4203290455682477

RELATO DE VIVÊNCIA

Segundo a OMS, a saúde é definida como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença.

Assim, para a garantia de uma vida saudável é preciso ter uma boa saúde bucal. Contudo, a falta de conhecimento e instrução, de produtos para a higiene e de acesso a serviços odontológicos faz com que muitas pessoas negligenciam os cuidados de sua boca. Apesar dos esforços das políticas de saúde pública nacionais e da melhora no quadro geral de saúde bucal, a doença cárie ainda acomete muitas crianças e jovens no Brasil e leva muitas vezes à perda dentária precoce. A situação é ainda pior no interior dos estados e em regiões de menor condição socioeconômica.

O projeto de extensão da Faculdade de odontologia da UFRJ tem como objetivo levar à população da cidade de Paraty e arredores, conhecimentos e saberes em saúde.



Compartilhando em conversa educativa, interativa e lúdica a importância dos cuidados de higiene bucal, como realizá-la e o impacto negativo na saúde causado pelo consumo exacerbado de açúcares na dieta, bem como sua relação na doença cárie. A orientação era adaptada às diferentes faixas etárias presentes nas apresentações, público que variou entre 4 anos a +18 anos (a depender da escola e turno). Aos adolescentes e jovens adultos adicionava-se a conversa sobre os malefícios do fumo para a saúde e sobre câncer de boca.

Lembrando sempre que o melhor tratamento possível para as doenças é sempre a prevenção!

A extensão esteve presente nas edições do projeto UFRJMar em: 2022, 2023 e 2024. Durante esse período, mais de mil kits foram distribuídos a crianças e jovens adultos participantes nas escolas públicas CEMBRA, E.M. Cilencina Rubem de Oliveira Mello, E. M. Monsenhor Hélio Pires. O projeto trouxe um impacto positivo na vida das crianças e jovens residentes da cidade de Paraty, incentivando a melhorar a sua saúde bucal por meio da escovação em frequência adequada e de modo correto (removendo os resíduos de alimentos), compartilhando conhecimento sobre autocuidados em saúde bucal e entregando kits para a higienização com creme dental e escova, fornecido pela parceira colgate. Além de trazer um contato desses jovens com a perspectiva da universidade pública e as possibilidades de futuro.

A interação dos extensionistas da UFRJ com a população de diferentes escolas na região é muito proveitosa e agrega experiência, empatia e conhecimento ao futuro profissional, devido tanto à troca de saberes e de cultura, como também à vivência e imersão na realidade da comunidade local. Muitas vezes encontrando um cenário em que os participantes relataram a presença de cárie e dor (mesmo em crianças mais novas), ausência de escova de dente ou uso por tempo excessivo, consumo exacerbado de alimentos adoçados artificialmente, etc.

Por isso, para promover saúde é preciso adquirir hábitos saudáveis. E conhecer a boca e cuidar bem dela é imprescindível para a redução da prevalência de cárie e para a melhora do cenário local encontrado entre as crianças e jovens da cidade de Paraty.

A importância da vivência para os alunos da UFRJ

“Participar do projeto UFRJMar foi muito bom e impactante em minha formação como profissional de saúde. Poder ajudar as crianças, adolescentes e jovens de Paraty a valorizar e aprender mais sobre os cuidados com a higiene oral, através dos conhecimentos e saberes adquiridos durante a graduação, é gratificante. Algumas das crianças relataram nunca ter ido ao dentista na vida, sentir dores de dente, não ter escovas novas ou fio dental, entre outros. Por vezes algumas abriam a boca no

no final das apresentações para nos mostrar algum dente acometido pela doença cárie. Cenário este que poderia ser evitado pela mudança nos hábitos de higiene bucal.

Acredito que a prevenção é o melhor caminho para colher frutos melhores no futuro, por isso, eu ficava muito feliz em ver as crianças escovando os dentes após a instrução, recebendo seus kits e nos relatando nos outros dias que estavam escovando em casa também. Além disso, o projeto estimula os alunos a pensarem em profissões para o futuro e na universidade. Lembro sempre de uma menina de aproximadamente 12 anos que, após participar, disse que queria ser dentista igual a mim”.

Raíssa Regis - Faculdade de Odontologia - 8º período.

“Paraty enfrenta sérios desafios em relação à saúde bucal, com acesso limitado a serviços odontológicos públicos. Como resultado, muitos alunos relatam nunca ter ido ao dentista. Nesse cenário, é extremamente gratificante aplicar e também repassar tudo que me foi ensinado até o momento na graduação, contribuindo para a melhoria dos cuidados bucais de crianças e adolescentes.

Muitas crianças também mencionaram que não têm condições de trocar a escova de dentes com a frequência adequada. Por isso, fiquei muito contente ao vê-las tão felizes com os kits que distribuímos e ainda mais animada ao perceber que algumas se lembraram das edições anteriores da nossa oficina.

Embora nosso objetivo principal seja disseminar conhecimentos, sempre aprendo muito mais do que ensino. Tive a oportunidade de aprender a soltar pipa, conhecer mais sobre peixes e até explorar um pouco de química durante os intervalos, ao prestigiar outros trabalhos.

No entanto, pude aprender muito mais com cada criança que passou pela nossa oficina, cada uma expressando afeto, interesse e alegria de maneira única. Sou muito grata por cada experiência proporcionada por este projeto e espero poder vivenciar ainda mais na próxima edição”.

Beatriz Rampazio - Faculdade de Odontologia - 6º período.



Oficina de animação do GEM

Paulo Maia

Grupo de Educação Multimídia/Núcleo Interdisciplinar
para o Desenvolvimento Social (Nides) da UFRJ

Anima é alma em latim e está na origem da palavra animação quando se refere ao gênero filme animado. As oficinas de animação do Grupo de Educação Multimídia (GEM/UFRJ) nasceram nos festivais UFRJMar, que ocorrem em cidades do norte e do sul fluminense, desde 2002. Nestes festivais, são oferecidas oficinas de diversas áreas para estudantes do ensino básico das cidades sedes. E o GEM mantém atividades de curta duração de produção de vídeos, usando a técnica do stop motion. A intenção dessas atividades é demonstrar as possibilidades desse tipo de oficina para a formação de habilidades de leitura e escrita, em linguagem verbal e não-verbal. A palavra latina significa, neste contexto, dar alma aos objetos, dotá-los de vitalidade e isso pode ser um estímulo em sala de aula.

Anima também quer dizer sopro vital e é esta a atenção especial que o GEM sempre teve nas oficinas oferecidas nos festivais: despertar a curiosidade, a criatividade e a criticidade em ações formativas voltadas ao ensino básico. Estas oficinas sempre tiveram uma relação for-

te com a literatura, buscando com isso despertar o interesse de estudantes para repertórios adaptados à linguagem audiovisual. Em oficinas de tradução entre linguagens (tradução intersemiótica ou transcrição), o GEM espera chamar a atenção dos estudantes para aspectos e rudimentos específicos de cada linguagem. E espera ainda com isso gerar engajamento leitor, adesão a repertórios literários e habilidades de escrita. O GEM visa dar o sopro vital nas oficinas nos festivais UFRJMar, em processos a serem apropriados pelos envolvidos para novos projetos autônomos.

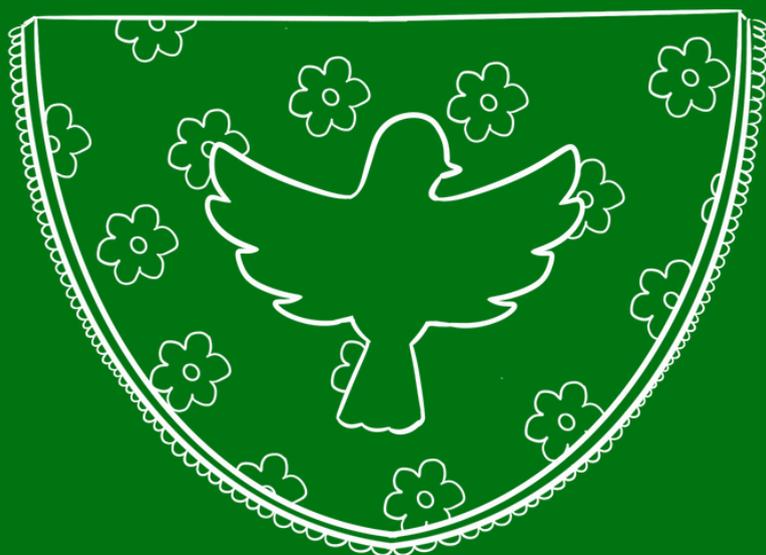
Com os festivais, as oficinas do GEM se expandiram para ações realizadas em escolas da rede de Macaé, Cabo Frio e Paraty. As atividades nas escolas dessas redes tinham uma duração maior (um semestre, em geral). Isso permitia uma dedicação mais ampla tanto ao texto-base para atividades de adaptação literária quanto aos processos e etapas da feitura do vídeo animado. Nestas ações, debatiam-se problemas com impactos culturais e sócio-ambientais. Além disso, expressões literárias eram trabalhadas tentando gerar sensibilidades semelhantes em vídeo. Exemplo disso foi o ciclo Machado de Assis, que desenvolveu transcrições de textos do escritor para animações. Esta ação trouxe um elemento importante para as oficinas: o diálogo entre um grande evento literário anual, a Festa Literária de Paraty (FLIP), e os estudantes das escolas públicas do município, O que ampliou o alcance da FLIP dentre as camadas populares locais, abrangendo um intervalo maior de tempo e um conjunto melhor aprofundado de atividades ao longo de todo ano letivo.

Posteriormente, as oficinas de animação do GEM foram experimentadas na graduação. Exemplo dessa proposta foi a adaptação da tragédia clássica de Sófocles “Édipo Rei”. Numa disciplina teórica, foi possível trabalhar os temas clássicos do teatro e da filosofia, bem como rudimentos de produção de vídeos animados. Por fim, estas oficinas estão também sendo experimentadas na pós-graduação com adaptação de canções do disco “Canções Praieiras”, de Dorival Caymmi, estimulando um debate sobre a invenção de uma mitologia da baianidade e da cultura marítima brasileira. As oficinas de adaptação literária criadas pelo GEM nos festivais UFRJMar puderam se aprofundar em ações formativas em sala de aula em diferentes segmentos.

Atualmente, o programa GEM oferece sua clássica oficina nos festivais UFRJMar e também em outros eventos educativos e científicos. Além disso, ele oferece também atividades de longa duração em escolas do Rio de Janeiro e de algumas cidades metropolitanas, como Duque de Caxias e Niterói. As oficinas são oferecidas por estudantes licenciandos de licenciaturas em linguagem na UFRJ, orientados por professores coordenadores das ações, como Educação Artística, Música e Letras. E a atenção especial delas se detém aos estudantes na passagem entre o ensino fundamental e o médio, que é onde está localizada a maior incidência de analfabetismo e evasão escolar, destacando com isso a pesquisa do grupo. Assim, o GEM desenvolve sua pesquisa sobre as possibilidades e impactos das oficinas de transcrição literária para a formação de leitores em sala de aula.

O UFRJMar sempre foi um campo privilegiado para o desenvolvimento e o experimento de metodologias de ensino em todas as áreas envolvidas nos festivais. O GEM, assim como outros programas, pôde construir uma oficina de animação nestes eventos e também expandir a proposta para os diferentes segmentos do ensino básico ao superior. Então, destaca-se a importância dos festivais para o estímulo, a produção e a experimentação de questões e metodologias para a formação criativa e intelectual, via oficinas de adaptação literária. Vale ainda ressaltar a vocação dialógica do programa para a atenção e a construção de ações com base em demandas sociais objetivas e comunitárias, refletidas coletivamente nas escolas. Por fim, tais eventos oferecem a oportunidade para a realização de projetos com caráter formativo, extensionista e acadêmico, além da promoção da democracia do conhecimento. **Anima** é o vetor para isso, seja nas oficinas do GEM ou em atividades de outros grupos envolvidos durante os festivais UFRJMar.





Registros



**“O conhecimento lhe dará
a oportunidade de fazer a
diferença.”**

Claire Fagin



**Oficina Algicultura:
Apresentação da alga
Kappaphycus alvarezii.**



**Oficina Algicultura:
Apresentação de doces
feitos com algas.**



Beneficiamento de surimi.



Oficina de Dança de Salão - UFRJMar 2009.



Oficina Esportes de areia da Escola de Educação Física e Desportos/UFRJ - UFRJMar 2017.



Gorgulho *Entimus imperialis* observado pelo estereomicroscópio.



Oficina “Conhecendo os Besouros” em andamento, Ilha do Araújo, Paraty. Allan Carelli e Juan Pablo Botero.



UFRJMar 2024 - Oficina "Como os fluidos se comportam?" com fluido Não-Newtoniano.



Oficina "Como os fluidos se comportam?" explicando conceitos sobre densidade.



UFRJMar 2024 - Oficina "Como os fluidos se comportam?".



Demonstração de estruturas vorticiais utilizando cristais de mica em um fluido. A atividade permite aos alunos visualizar as estruturas complexas e dinâmicas de um escoamento turbulento, tornando visível a beleza e a complexidade dos fluidos em movimento.



UFRJMar 2024 - Oficina "A saúde começa pela boca".



Instrução de Higiene Oral com Crianças da escola Cilencina Rubem de Oliveira Mello.



UFRJMar 2023 - Oficina "A saúde começa pela boca" explicando a escovação.



**UFRJMar 2023 - Oficina
"Guardiões da Orla".**



**UFRJMar 2023 - dinâmica com
os alunos do Colégio Cilencina
Rubem de Oliveira Mello.**



**Crianças e mediadores durante a atividade
"Preservando através da reciclagem" no UFRJMar de
2023.**



UFRJMar 2023 - Oficina "Faz e Acontece" - trabalho com malabares.



UFRJMar 2024 - trabalhando a coordenação motora e equilíbrio.



Espectáculo Ciranda do Mar no Colégio Monsenhor Hélio Pires - UFRJMar 2024.



Oficina "Barco à vela" - UFRJMar 2023.



**UFRJMar 2023 - Oficina
"Esportes de Areia" com o
circuito de orientação.**



**Dinâmica com os alunos do
Colégio Cilencina Rubem de
Oliveira Mello com o vôlei
de areia.**



Crianças do colégio jogando Coferbol.



Oficina Grupo de Estudos em Multimídia do NIDES (Núcleo Interdisciplinar de Desenvolvimento Social) explicando sobre perspectiva no UFRJMar 2024.



Crianças desenhando na oficina da GEM - UFRJMar 2023.



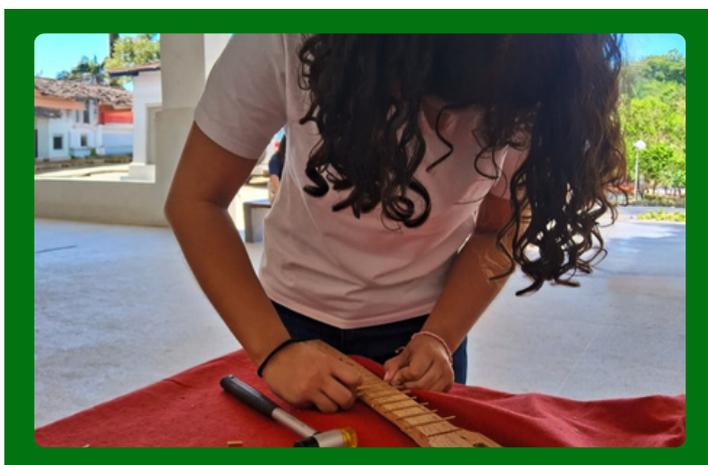
Oficina “Softwares educacionais” do Lipe (Laboratório de Informática para Educação). UFRJMar 2024.



Alunos aprendendo a mexer nos softwares na oficina. UFRJMar 2024.



Equipe de competição Minerva e-racing no UFRJMar 2023.



Oficina “Quartinholha” da Escola de Música da UFRJ UFRJMar 2024.



Entrevistando a oficina “Quartinhola” da Faculdade de Música da UFRJ - UFRJMar 2024.



Alunos aprendendo a como desenvolver uma Quartinhola - UFRJMar 2024.



Alunos testando como tocar a Quartinhola - UFRJMar 2024.





UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



centro de tecnologia

UFRJ



Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social

